

A. FIGUEIREDO PIMENTEL



A INSPIRADORA
DE
LUIZ CARLOS PRESTES

O grande escriptor Azevedo Amaral publicou no "O Jornal" um artigo intitulado "Moralismo Contemporaneo".

Por ser longo deixamos de transcrever na integra, esse estudo do Principe do jornalismo sul-americano.

MORALISMO

CONTEMPORANEO

“As épocas de transição em que os velhos padrões moraes são lançados nos altos fornos da vida intensa e incandescente para se refundirem valores novos, são paradoxalmente as mais propicias á eclosão dos moralistas. Nestes periodos em que o fluxo moral das idéas se reflete em uma certa confusão tumultuaria dos costumes, encontram as intelligencias inclinadas á analyse psychologica um estímulo particular para a pesquisa no campo obscuro e arriscado do determinismo ethico. Não admira, portanto, que nos dias actuaes, cujo ambiente a muitos impressiona pelas manifestações de rebeldia contra a moral antiga, surjam escriptores apaixonados pelos problemas moraes nem é surpreendente que elles se encontrem na

classe dos jornalistas geralmente tão incapada de incompetencia, para pronunciar-se autorizadamente sobre taes assumptos.

Em nenhum meio, entretanto, seria possivel encontrar, nos dias que correm, condições tão favoraveis ao estudo dos problemas da psychologia e aos casos moraes que delle decorrem como entre a gente que pelo trabalho de imprensa constitue a classe que se tornou naturalmente herdeira das funcções e das proprias responsabilidades dos que outrora se especializavam como doutores em ethica. O jornalista tornou-se na sociedade moderna o confessor e pregador. As contingencias do seu myster desenvolve-lhe uma curiosidade que o obriga a apoderar-se de segredos mesmo quando os seus depositarios não tenderiam espontaneamente a confial-os. Assim, o jornalista, além de confessor é tambem um inquisidor deante de cujas astucias na violação das consciencias não re-

siste a simplicidade dos ingenuos nem a cautelosa prudencia dos homens praticos do mundo da politica e dos negocios. Perscrutador das intimidades da alma alheia, representa o jornalista outro papel como organizador da moral publica pela prégacao dos unicos sermões que ainda têm alguma possibilidade de serem ouvidos.

Como todos os seus predecessores na fascinante tarefa de vivissecação psychologica do homem, os novos analysts do consciente e do sub-consciente recrutados nas bancas dos jornaes, sentem a preponderante attracção do problema do sexo que muito antes da systematização scientifica de Freud já havia sido abordado pelos fundadores das religiões como raiz inicial da arvore genealogica do Bem e do Mal.

O estudo dos phenomenos ethicos tanto no campo restricto da personalidade indivi-

dualizada como no conflicto tempestuoso das correntes e das marés do oceano colectivo tem, em ultima analyse, de resumir-se na investigação dos dois instinctos fundamentaes da fome e da geração que a orgulhosa displicencia do homem civilizado insiste em repellir para uma degradante obscuridade mas que resurgem obstinadamente por entre as festas brilhantes da cultura como esquecidos e humildes patriarchas plebeus da prole ingrata e soberba de todos os nossos sentimentos elegantes e subtis.

O impulso nutritivo foi gradualmente integrando-se no dominio da acção positiva e racional do homem ao ponto de deslocar-se do terreno crepuscular que forma a esfera da pesquisa do artista e do psychologo para interessar preponderantemente o sociologo e o estadista. Mas, o instincto do sexo ainda subsiste envolto na penumbra em que podem viver as criações fluidas da fantasia,

como ultima terra ignota a desafiar o empreendimento aventuroso dos descobridores dos mysterios da sensação. A arte tem, portanto, de buscar os materiaes psychologicos para as operações da sua magia nesse imperio ainda inexplorado da vida. Não é uma coincidencia nem o effeito de tendencias particulares da esthesia individual que leva, portanto, todos os artistas e tanto mais quanto a sua arte fôr uma expressão da analyse psychologica a mergulhar nos dominios da sexualidade como fonte de inspiração da sua capacidade criadora.

No momento fascinante em que as gerações actuaes têm o privilegio de viver, quando o conflicto violento de um passado que persiste em sobreviver e de um futuro que irrompe esmagando todas as resistencias faz surgir no homem aspectos de consciencias surprehendedentes na audaciosa revelação de segredos que a alma humana conservara até

agora recalçados no sub-consciente pela compressão formidável das guardas vigilantes da moral antiga, o problema do sexo apparece com côres e formas ineditas empolgando os que dispõem da formação mental de analysts e psychologos.

.....

No livro do sr. Figueiredo Pimentel o thema em torno do qual o autor esboça uma obra delicada e subtil de bem observada psychologia collectiva, é o que poderemos definir como o problema social da sexualidade em uma época de violenta transição. A familia cuja historia é delineada no seu romance constitue uma expressão representativa da posição em que se encontra a tradicional instituição domestica em face da violenta concurrencia economica contemporanea cujas asperezas são cruelmente accentuadas, em cer-

tos meios burguezes, pelos imperativos categoricos de uma vida sumptuaria cuja observancia se tornou, na pratica, o mais acatado principio ethico. A sexualidade nas "Filhas do Baldomero", embora seja a força motriz do dynamismo dramatico da novella apparece antes como elemento subalterno, instrumento a serviço de instinctos mais apparentes na psychologia das personagens que os forçam a sustentar a luta pela vida, no unico terreno em que encontravam vantagem.

.....

A differença entre os estados d'alma do scientista e do artista é que enquanto o primeiro enfrenta as producções mais extravagantes que se lhe deparam na observação e na experiencia, sem temer-lhe as fórmas extranhas ou as possibilidades terriveis que en-

cerrem, o artista está condemnado pelo determinismo da sua sensibilidade a ser o escravo mais ou menos tímido do genio que evoca.

Essa contingencia da formação peculiar do artista torna-lhe o trabalho criador particularmente penoso em uma época em que a sagacidade da sua visão mental o faz tão frequentemente perceber essas figuras estranhas, que passam num malabarismo de acrobacias macabras pelo hiato que separa as coisas e as idéas a que nos habituamos hontem e ás formas e os pensamentos que viverão amanhã.

Dahi a tendencia perigosa do artista a tornar-se nessas occasiões o critico da propria obra e a converter-se, mesmo, em tímido reconciliador de contrarios irreconciliaveis.

.....

O escriptor delicado das "Filhas do Baldomero" veio mostrar como esses the-

mas se delineam entre nós offerecendo campo suggestivo á investigação do sociologo e do psychologo e tambem o precioso material que a arte póde trabalhar convertendo-o em obra de belleza."

1928.

AZEVEDO AMARAL

A INSPIRADORA
DE
LUIZ CARLOS PRESTES

O cavallo não queria proseguir porque sentira a fêmea. Orelhas attentas, narinas dilatadas, impaciente e indisciplinado, teimava em não retomar o atalho por onde mais depressa chegaria á cidade. Ao seu nitrído respondeu a egua, ao longe. O animal tornou-se, então, mais desobediente.

Venancio vergastou-lhe as orelhas, mas o animal continuava empacado, querendo voltar-se para onde se encontrava a egua. Ao sentir a tala, levantou as patas dianteiras e, numa reviravolta acrobatica, poz-se quasi de pé.

— Êta, bicho bom! disse Venancio esporeando o animal assanhado que recommçou a rinchar.

Só então o cavalleiro percebeu a causa daquella indisciplina.

Sob as grandes arvores, onde os raios do sol mal penetravam, viu um animal arreiado, preso ao tronco de uma enorme arvore.

Estaria ali uma mulher ?

A mulher sente mais do que os homens a poesia, a attracção das aguas cantantes. E aquelle recanto era tão sombrio e poetico...

Vinha da matta umbrosa o ruido do despenhar da cascata. Velhas e grandes arvores escondiam as pedras por onde tombava a agua aos borbotões.

Venancio teve o presentimento de que ali se achava uma mulher. A curiosidade começou a espicaçal-o. Amarrou o irrequieto cavallo a um tronco e caminhou para o logar em que estava a egua tordilha.

Aquelle recanto silencioso, perdido no seio da matta, onde raramente passaria um cavalleiro, devia ser propicio aos espiritos romanticos.

Uma mulher ali... Seria possivel ?

Dez horas. O sol banhava a matta com sua luz gloriosa, mas o recanto era sombrio, apenas uns raios dourados filtravam por entre a espessa ramaria. Pouco além tombavam as aguas; a cascata parecia illuminada apenas pela luz doce e morta de um luar de inverno.

Vinha da ramaria o alegre gorgueio da passarada em festa.

Cauteloso, procurando abafar o estalido das folhas seccas que juncavam o sólo, Venancio foi se approximando do sitio ameno e ouviu a voz suave da mulher. Que doce e maviosa canção! . . . Parou emocionado, sustendo o folego.

Continuavam os passaros a doce cava-

tinha. As águas também cantavam. Só o ar-
rullo das rôlas era triste como um agouro. . .
Outros passaros cantavam. Venancio pro-
curava esconder-se cada vez mais. A voz
da mulher o perturbava. Emoção. Curiosi-
dade. Uma aventura. . .

Seria formosa ? Era uma voz educada
e suave que penetrava os seus ouvidos como
um acôrde de violino. Feria. Emocionava.
Encantava.

Venancio aproximava-se cada vez
mais cauteloso. A voz da mulher, a curio-
sidade de vê-la, a emoção, o proprio am-
biente, tudo perturbava os sentidos de Ve-
nancio.

Como o caçador que percebe onde está
a presa e vae quasi sem respirar, sem vêr
onde pisa, com os olhos fitos para a frente,
sem se preocupar com o que se passa ao re-
dôr, assim o moço alongava a vista, pro-
curando o local, com tática.

Ao vel-o approximar-se começou a egua a escoucear. Rinchava dando o signal.

— Princeza ! Espera um pouco. Nós já vamos.

Ao ouvir essa vóz Venancio abaixou-se como se estivesse sendo visto. Roupa pendurada num galho despertou sua attenção. Roupa de casemira, culotte; perneiras. Roupas internas, de sêda amarella. O moço segurou uma das peças e sentiu o perfume de carne moça. Os pensamentos mãos povoavam o seu cerebro escaldante. Sentia-se tonto. Pensava em agarrar a moça de surpresa. Ninguém veria. Estavam sós na matta deserta. O gôso de um corpo nú, joven e bello. . . E se fosse feia ? Mas devia ser joven; a vóz era de mulher moça. Amendrontada, sob a ameaça do revolver ella cederia fatalmente. . . Não! Elle era um homem de bem e não um covarde. Seria incapaz de praticar tamanha infamia, de abusar de uma moça in-

defesa. Sentia repugnancia em pensar em tal ignominia. Queria sacudir os pensamentos máos e procurava vêr a moça.

Trepando numa pedra ficou então deslumbrado.

Nascendo das aguas, qual a flôr de lotus, a moça surgia magestosa.

Ella observava o corpo no espelho da agua, enamorada da propria sombra. Dir-se-ia que procurava na caricia das aguas, no fundo do lago, o desejado amante.

Venancio ficou hypnotisado deante da belleza da mulher. Corpo esculptural, de impeccaveis linhas. Pelle moreno-claro, cabellos de ouro velho cahidos até os hombros. Seios rijos. Mulher maravilhosamente bella. Um marmore de Luni. Cabeça de impressionante magestade.

Passou núa por Venancio, que se escondia cada vez mais, e apanhou a roupa.

Venancio atordoado, sem se mover, continha a respiração. Estava maravilhado diante daquelle quadro inesperado. Encanto Belleza.

A dois passos, aquella mulher o perturbava com seu corpo nú. Sentia o perfume da carne em flôr. A voz num canto suave, sem palavras, penetrava os ouvidos de Venancio que teve impetos de se atirar sobre esse corpo que o atarantava com sua belleza impressionante.

A moça começou a vestir-se calmamente. Sacudiu a cabelleira farta, com a imponencia de um indio ao fazer balouçar o seu cocar de pennas de côres.

Parecia um sonho. E elle só despertou desse estado somnolento quando a viu tomar as redeas da egua e saltar para a séla. O animal partiu em disparada. Venancio pensou alcançal-o mais adiante.

Correndo para onde estava o cavallo, a uns cem metros, montou-o ligeiro e sahiu em disparada.

Tambem o animal queria ir ao encalço da egua. O desejo era o mesmo. A tentação da carne...

A galope, na direcção em que desaparecera a moça, o cavalleiro partiu em grande disparada.

Que caminho teria seguido? Este? Aquelle? Confusão e duvida. Perdeu a pista.

Desconhecendo aquellas paragens, hospede recente das terras gauchas, Venancio sentia-se embaraçado. Seu coração batia fortemente.

A maior emoção de sua vida. O corpo deslumbrante, daquella mulher sensual, cuja belleza não vira ainda semelhante, o encantava.

Não lhe sahia da imaginação o corpo nũ da mulher esplendida que acariciava os proprios seios, erguendo-os, como se os offerecesse á propria volupia. Aspirava o perfume dos seios suspensos em suas mãos como se fossem uma braçada de rosas. Suas narinas se dilatavam numa sensualidade de fema no cio...

Belleza. Arte. Perfeição.

O sol espalhava sua luz pelos campos, queimando as pastagens, — o beijo do verão dourando os trigaes...

Passavam os carros de bois. Venancio procurava, em vão, a moça vestida de verde, que sumira montando a egua tordilha. Ninguém a vira. Todas as perguntas ficavam sem respostas. Um vaqueiro dera, por fim, uma informação preciosa.

— Talvez seja a neta do Coronel Hilpert. Ella costuma passeiar a cavallo, pelas

manhãs. Se é loura e bonita deve ser ella mesmo.

Agradecendo a informação, Venancio partiu mais satisfeito. Quem seria essa mulher? E esse coronel Hilpert?

Regressou ao Hotel em que estava hospedado, depois da longa e fatigante caminhada a cavallo. Chegou atordoado como se viesse de uma noite de jogo em que tivesse perdido todo o dinheiro.

O quadro do banho não lhe sahia da mente.

Accendeu um cigarro, deitou-se vestido como estava e começou a pensar no corpo esculptural daquella mulher escandalosamente bella.

II

TACIANA

Noite. Luar dolente. No velho casarão da fazenda o silencio era profundo. Rodeava a casa uma quietude sepulcral.

Sentada numa poltrona de couro, sob o grande *abat-jour* vermelho do seu quarto de dormir, Taciana contava as horas que passavam. Seus dedos longos enfiavam-se pelos cabellos revoltos e cruzavam-se sustentando a cabeça de ouro que balouçava como um pendulo de bronze.

Só, naquelle quarto amplo e elegante, a moça pensando na vida, sentia que sua mocidade se evaporava como o perfume das rosas.

Tinha ancia de liberdade. Sentia necessidade de alguém para seu carinho; de uma pessoa que lhe dissesse palavras de consolo, que lhe fizesse rir, chorar, sentir, vibrar, viver, emfim.

Taciana ouvia sómente o offegar de seu peito, o palpitar de seu coração, o tic-tac do relógio.

O casarão da fazenda com seus grandes salões desertos e o seu aspecto soturno e monástico das antigas construcções coloniaes, era tristissimo á noite. Sentia-se ali a atmosphera glacial do claustro e o bafio religioso de um convento.

As poucas pessoas de casa dormiam. Seus avós e cinco creados. Taciana vivia isolada do mundo.

De que serviam sua mocidade e sua belleza? A vida era sempre a mesma. A azafama da fazenda pela manhã, os passeios a cavallo, as corridas de automovel pelo deser-

to das estradas. Ninguém para trocar idéas. Solidão. Abandono.

Na sua meninice, aquella fazenda fôra um encanto. Sua mãe e seu irmão lhe davam vida. Ella acordava muito cedo para beber o leite quente tirado no momento dos peitos das vaccas. Era ella quem ás vezes dava milho ás gallinhas e quem abria a porteira para as pastagens. Que bellos animaes! Que lindos cavallos! Reminiscencia. Saudade.

Um grande suspiro veio desabafar a angustia de Taciana. Ella despertou da longa viagem de seu pensamento. Levantou-se para ver as horas. Tres e vinte. Noite interminavel. Insonia horrivel. Não tardava a nascer o dia. Ia recommençar a vida. A fazenda em reboição. A pastagem. O trabalho. A mesma coisa de sempre.

Taciana percorreu os olhos cançados pelo quarto. Tudo bem disposto, bonito, com arte. Começou a andar vagarosamente

sobre os tapetes, que abafavam os seus passos. Muitas almofadas de sêda pelo chão. Si ao menos pudesse lêr! Passou á sala da bibliotheca. Estantes novas. Muitos livros pelas mesas. Apanhou um: "A x e l l " de Villiers de L'Isle Adam, um dos seus autores preferidos. Folheou esse livro já tantas vezes relido. As ultimas paginas são o maior poema de amor que já lera. A mais perfeita comprehensão do verdadeiro amor.

Não conseguiu ler. Começou a pensar nos dois amantes desse maravilhoso livro. Deitou-se no grande divan.

"Axell" é um livro esplendido. Taciaa reviveu as personagens da scena final do grande drama.

Sára offerecendo a vida, o amor, a gloria, tudo, a seu amado, um joven que lhe despertára naquelle instante a energia da vida. Axell encontrára, minutos antes, como se despertasse de um longo sonho, a mu-

lher ideal para os seus amores. Estavam ali num subterraneo entre um thezouro fabuloso, na Floresta Negra da Allemanha. Esperava, talvez, que ella viesse como de um sonho. E ella veio. Para que lhe serviam a riqueza, a gloria, a vida, o mundo? Pois não chegára a hora da maior felicidade?

Depois da noite de um grande amor não ha mais vida para se viver...

Para que o ouro, o mar, o sol, a vida, emfim, se elle já attingira tudo naquelle beijo? E os dois resolvem morrer tomando o veneno que Axell trazia no velho anel herdado dos seus antepassados.

Os gallos começavam a cantar. Ouvia-se, lá fóra, o ruido da vida. Taciana adormecia. O sol despontava atraz da serra. Dia. Trabalho. Luta.

III

TERRA GAÚCHA

Os negocios pastoris corriam mal.

Os estancieiros imploravam aos tropeiros a compra do seu gado. O coronel Hilpert planejava vender a fazenda. Venderia tudo e embarcaria com a mulher e a neta para sua terra natal. Havia vinte annos que não ia a Hamburgo e cincoenta e cinco annos que residia no Rio Grande do Sul, onde se casára com uma gaúcha. Ambos os filhos do casal Hilpert morreram. O velho fazendeiro vivia com a mulher e a neta. Tasso, irmão de Taciana, estava estudando nos Estados Unidos. D. Carlota, já muito velha, com 73 annos de idade, doente, com o

coração a arrebentar, não queria deixar aquella fazenda onde vivia ha meio seculo. Que o marido a esperasse morrer. Não tardaria muito. Ella não podia fazer a viagem á Allemanha. Dalli não sahiria. Era natural que o marido quizesse passar os ultimos dias de vida em sua terra. Tambem ella tinha o mesmo direito.

Taciana vinha sempre como o anjo de paz, consolar seus avós.

— Si você quizer, vá, que eu fico com a avozinha. Iremos ambas para o Rio de Janeiro, ou ficaremos aqui mesmo.

— Havia de ser engraçado eu partir e deixar vocês duas sosinhas por ahi á fóra, sem rumo. Tambem não sou nenhum selvagem que pudesse abandonal-as por meu bem estar.

— Mesmo porque eu não me separo do meu velho. Sinto-me cançada. Já estou muito velha.

— Nós podíamos resolver este problema da melhor maneira. Lucrariamos os tres. Vovô vende a fazenda e nós iremos residir no Rio de Janeiro.

Nossa fortuna nos garante uma vida folgada. Vovô descansará deste trabalho insano da fazenda e vovósinha viverá em paz tambem. Eu não posso mais viver aqui. Sinto um tédio horrivel. Preciso de vida, de liberdade.

—Você precisa casar-se, Taciana, interveio o velho coronel como que para mudar de assumpto. Você está com vinte e dois annos; não tem um rumo na vida; está perdendo a sua mocidade e ficando triste. E' rica e bonita e o seu casamento será facil. Você precisa de filhos, de alegria, de vida, mundana. Vou fazer o que você propõe. Venderei tudo isto e esperarei a morte soccadamente. Tambem já estou muito velho.

E a conversa continuava para maior irritação de Taciana.

Casar-se... Mas com quem? Quem a comprehenderia? Ella quedava-se absorta nesses pensamentos. Vivia longe do mundo. Ali só via pastagens, morros, animaes, os empregados da fazenda.

Levantou-se e chegou á janella. Um dia lindo, de sol quente. A mesma paisagem vista todos os dias. Lá estavam os cavallos, os bois, as arvores cheias de frutos, o verde immenso dos campos, a grande pastagem.

Beijando os avós, Taciana despediu-se. Ia fazer o seu passeio habitual. Precisava respirar um pouco, distrahir-se pelos campos.

O sol inundava a terra com a sua luz divina. O vento soprava levemente, acariciando as arvores, cujas folhas amarellas iam cahindo, vagarosamente, atapetando o chão.

O velho ipê vestia-se com suas folhas de ouro. As accacias espiavam pela janella do quarto de Taciana. Do alto, onde estava a velha casa colonial, avistava-se um panorama deslumbrante.

Taciana tomou o automovel e sahiu, espantando os animaes.

Da varanda, o velho fazendeiro acompanhava, com seus olhos azues e pequenos a neta que ia conduzindo displicentemente o carro.

O velho accendeu o cachimbo de espuma e começou a pensar na vida.

Depois que seus dois filhos morreram a fazenda perdera completamente o encanto. A mãe de Taciana tinha um temperamento bem differente do da filha. Era alegre, muito expansiva. Trazia a fazenda em reboliço. Enchia a casa de hospedes e dava sempre festas campestres. Nas noites de Santo Antonio, São João e São Pedro a fazen-

da parecia uma feira. Vinha gente de toda a redondeza. Maria encomendava, fogos, balões, mandava fazer fogueiras enormes no terreiro e assava batatas, cannas, etc. Cada balão enorme! Dansava-se no terreiro e cantava-se ao som das violas, dos pandeiros, das harmonicas. Os violeiros constituíam o encanto da festa. Maria era a alma da fazenda. Quanta saudade lhe despertava a sua filha querida! Era ella quem dirigia os negocios da fazenda. Seu marido, um optimo rapaz, politico de prestigio, fôra assassinado numa emboscada, por questões partidarias, deixando dois filhos: Tasso com 8 annos e Taciana com 10, apenas.

Na fumaça azulada do cachimbo iam desfilando as imagens saudosas do velho fazendeiro. A maior saudade era sua filha. Depois da morte do marido, Maria ficou tuberculosa e partiu para a Suissa em busca de melhoras, levando Taciana. Um anno

depois, morria no Sanatorio. Taciana ficou internada num collegio em Berna, onde passou oito annos. Estudou muito. Inteligente e applicada, conseguiu fazer um curso brilhante, dedicando-se aos idiomas e á musica. Era eximia pianista e tocava tambem violão com maestria. Quando voltou á fazenda já havia completado dezenove annos. Veio circumspecta, sem a vivacidade de criança. Não parecia aquella menina travessa que andava correndo atraz dos animaes e trepando nas arvores para apanhar fructas e ninhos.

Depois de fazer longo percurso, um dos pneumaticos do automovel estourou. Não trazia outro de sobresalencia. Que fazer? O remedio era ficar ali até que passasse um dos rapazes da fazenda, de volta da cidade, para mandar o mecanico trazer outro pneumatico.

Taciana consultou o relógio-pulseira. Duas horas e vinte minutos. Era cedo e ella não tinha pressa. Esse passeio quasi diario prolongava-se até á Ave-Maria. Muitas vezes, quando vinha a cavallo, ella subia a montanha e ficava admirando o pôr do sol atraz das serras distantes, espalhando as manchas coloridas pelo poente entristecido.

Os quadros da natureza deslumbravam o seu espirito artistico. Uma sensação de arte invadia-lhe a alma.

Os tropeiros e os habitantes daquellas cercanias já se tinham habituado a vêr a figura austera e formosa de Taciana, de cabellos louros ao vento, montada em sua egua tordilha ou guiando o seu automovel, passeando sósinha pelos montes e valles.

Todos a admiravam e estimavam muito. Ella era gentil e esmolér. Precisava empregar seu tempo em alguma coisa util e por isso cosia para as crianças e ensinava

a lêr aos filhos do pessoal da fazenda. Vivia entediada. Seu temperamento estranho sentia necessidade de vibrar, de viver num ambiente de agitação. Não mais podia viver naquelle ambiente calmoso, longe da civilização, entre arvores e morros, vendo eternamente a mesma paizagem. Precisava sentir a palpação da vida agitada, tinha necessidade de estar em contacto com a multidão. Seus olhos se entediavam de tanta melancolia. Precisava de amar e ser amada.

O vento soprava as folhas que cahiam sobre Taciana. Os flócos de paina vinham voando, de longe, como borboletas tontas.

Na curva do caminho despontava um cavalleiro a galope. Devia ser um dos rapazes da fazenda. Estava resolvido o problema do automovel. O viajante approximava-se. Um joven sympathico, elegante e bem vestido, surgiu aos olhos de Taciana. Era um estranho.

— Boa tarde! disse o cavalleiro parando ao pé do automovel em que estava a moça.

E antes que ella correspondesse, o joven perguntou se aquelle caminho conduzia á fazenda do coronel Hilpert. Elle bem o sabia, pois reconhecera a pessoa que estava procurando. Era ella mesma: a mulher que perturbava os seus sentidos; era a joven do corpo mais perfeito que já vira.

O cavalleiro despiu, com o olhar, a moça que o estava observando. Por mais vestida que estivesse, elle reconheceria aquelle lindo corpo que vira antes, banhando-se na cascata. Era ella; a garça humana.

Foi facil um começo de conversa. Disse que vinha recommendado por um amigo do coronel Hilpert. Desejava pintar algumas paizagens da bella fazenda e estava maravilhado com os aspectos naturaes daquellas paragens placidas.

— Daqui, por exemplo, vemos um quadro maravilhoso. Aquellas serras, aquellas lindas arvores banhadas de uma luz viva sobre um fundo colorido, apresentam aspectos bizarros e originaes. Aquella arvore amarella que ali está (apontava para um formoso ipê) parece uma mulher loura pedindo para os seus lindos olhos todo o ouro e toda a luz do sol...

Taciana comprehendeu a allusão e desabrochou o seu sorriso amargo — um sorriso de piedade.

A conversa prolongava-se. A moça falava pouco e observava muito. O moço se apresentou.

Chamava-se Venancio Jardim e era pintor. Chegára recentemente da Europa onde fôra em viagem de estudos. Falou da Italia, das artes, de seus planos artisticos. Loquaz e insinuante dizia coisas espirituosas, agradaveis. Taciana ouvia displicente-

mente, sentada no automovel, com a palma da mão apoiando o queixo, os dedos tamborilando nos dentes muito claros, muito certos e brilhantes. Venancio devorava com os olhos indiscretos aquella belleza fria qual uma flôr de neve. Olhos mortos, sem uma contração no rosto, dava a impressão de anestesiada. Falava pouco.

O pintor julgava-se importuno e no entanto era ouvido com prazer; mudando de conversa passou a falar do Rio Grande do Sul. Elogiou o povo gacho e as bellezas dessa terra encantadora. Fingiu-se admirado quando Taciana lhe disse que era neta do Coronel Hilpert. A moça já estava arrependida do seu laconismo. Não devia proceder daquelle modo com um rapaz tão distincto, amavel e intelligente. Resolveu conversar um pouco e explicou então porque estava ali parada.

Venancio offereceu-se para ir buscar o

mecanico. Taciana agradeceu e suggeriu seguir no cavallo do artista; mandaria, sem demora, o mecanico concertar o automovel e então Venancio iria para a casa della. Concordaram. Mas não havia pressa; era cêdo: poderiam ficar ainda conversando ali suggeriu ella.

E começou a contar, com mais desembaraço, a sua vida na fazenda. Relatou os seus passeios diarios, o desejo de sahir do Rio Grande do Sul. A sua paixão pelo mar, que era enorme.

E a conversa foi se generalizando, com mais intensidade. Ella falava com desembaraço; sua vóz era encantadora. Venancio sentia-se dominado pela joven, cuja belleza o fascinava cada vez mais.

Emquanto ella falava, elle pensava na scena do banho que assistira na vespera. Seu maior desejo era vel-a núa, posando para elle. Seria a sua obra prima. Taciana abai-

xou-se para apanhar as luvas do artista, que cahiram a seus pés, dentro do automovel. A cabelleira perfumada roçou o rosto de Venancio, que observava discretamente os seios que appareceram sob o decote do vestido, quando ella se abaixou; esses seios lindos e rigidos que elle já vira erguidos numa offrenda voluptuosa ás aguas que os beijavam...

Venancio estava visivelmente perturbado e observava, de mais perto, a mulher que deslumbrava sua alma de artista. Bocca sensual, labios grossos, narinas dilatadas aspirando sempre o perfume do proprio corpo. Testa larga, olhos mortos, bebedos de volupia... Mulher sensual, gestos elegantes e fidalgos.

Embora notando a perturbação do artista, cujos olhos a devoravam, Taciana não perdia a calma, pois estava acostumada áquellas attitudes physionomicas. Quando

falava com algum rapaz tinha a impressão de que ia ser beijada á força.

O vento soprava mais forte arrastando as folhas seccas das arvores e do chão.

Taciana resolveu voltar para a casa. Conforme a combinação feita tomou o cavallo e sahiu em disparada, depois de prometter que o mecanico não demoraria.

O pintor seguiu, com os olhos tontos de luz, a moça, que fustigava o cavallo para correr.

Ficou pensando naquella mulher singular que o entontecia e o perturbava como um perfume oriental.

Moço, com 32 annos de idade, artista de nomeada, intelligente, culto, Venancio sempre vivera confortavelmente, mercê dos seus rendimentos de herança. Frequentava ambientes de luxo, rodas alegres, "cabarets", com mulheres de toda a especie social, sem nunca se ter preocupado sériamente, sem

ter tido uma affeição forte por uma dellas. Em seu atelier tivera muitas mulheres que iam posar para seus quadros.

Em toda sua vida amorosa nunca encontrara um caso que o fizesse renunciar a todos os prazeres mundanos, que o distrahisse dos trabalhos de arte.

Passava em revista mental seus casos de amôr. Em sua imaginação desfilavam como num friso de marmore, as mulheres que tivera em seus braços. E recordava-se que nenhuma o prendera sériamente como Taciana. Apenas uma o preoccupára um pouco naquelle tempo romantico e algo infantil, havia já uns dez annos.

Era uma moça de 17 annos, mas parecia uma menina de 12. Numa noite de Junho, muito fria e triste, elle caminhava pela Praça da Bandeira, despreoccupado, em di-

recção á casa de um amigo. O céo estava repleto de balões. Era dia de S. João. Os foguetes explodiam no ar. As crianças brincavam á porta das casas rindo, pulando, gritando, soltando fógos e balões. Uma menina approximou-se d'elle pedindo esmola. Esfarapada e faminta pedia para comer; seus olhos grandes e fundos demonstravam miseria. Quasi chorando, sentia-se envergonhada. Venancio percebeu na physionomia cançada da menina a revolta de uma alma soffredora. Fixou o olhar nos olhos piedosos da desgraçada. Observou-a da cabeça aos pés. Meias rôtas, sapatos rôtos. Na mascara da angustia notou traços de belleza. Seus modos eram de menina educada.

— Você está mesmo com fome? perguntou Venancio.

— O senhor não acredita? Pois estou até agora com o café e o pão da manhã. Não almocei; não jantei ainda.

— Onde mora ?

— Em Tury-Assú. Sabe onde é ?

— Mas o que faz aqui, tão longe, a estas horas ?

— Fugi de casa. Minha madrastra me bate muito. Ainda hoje ella me deu uma grande surra. Resolvi abandonar a casa. Não posso mais supportar esse martyrio.

— Você tem pae?

— Já morreu. Si elle estivesse vivo eu não seria tão desgraçada como sou.

— Como se chama?

— Elza Salgado.

— E quantos annos tem?

— Dezesete.

— Mas afinal o que vae fazer? Para onde vae ?

— Não sei não, senhor. Não sei de nada. Vou procurar um emprego, amanhã.

— Mas onde vae dormir hoje ?

— Não sei. Por ahí . . .

Elza começou a chorar. As lagrimas rolavam pela face livida.

— Andei hoje o dia todo, sem destino, envergonhada, com vontade de me matar. Esta vida é muito cruel.

Venancio ficou olhando aquella pobre criança, sem falar, sem saber que fazer. Fôram andando para o lado da Leopoldina. Venancio ia pensando a idéa que tivera. Passava por sua mente uma infinidade de coisas. Afinal resolveu. Não era possivel deixar aquella criança ali na rua.

Chamou um taxi e seguiu com Elza para a sua casa. O auto ia rodando, enquanto os dois conversavam. Venancio fazia uma série de perguntas para experimentar o character da pequena. Na praia de Botafogo a neblina quasi impedia o transito dos automoveis. O carro parou. Rua Bambina. Era o atelier do artista. Pavimento terreo. Em cima morava um casal de velhos

ingleses. Venancio morava só. O artista accendeu toda a luz da casa. Accendeu o fogão a gaz para aquecer agua. Poz á mesa biscoitos e doces. Deu a Elza um calix de vinho. Fez chá.

A moça sahiu cheirosa do banheiro, vestindo um kimono de seda amarella com ramagens pretas. Vestia a roupa que o artista tinha em casa para os seus modelos. Elza estava bonita. Sorria mostrando os dentes grandes e bonitos.

Venancio resolveu respeitar-lhe a innocencia. Estava praticando um acto de humanidade, uma boa acção, e não queria ser um canalha. Havia de respeitar a innocencia dessa menina.

Passaram-se os dias. Elza, que ficou morando no atelier, dormia nas almofadas de seda sobre grande divan de madeira. Dava uma alegria nova áquelle atelier solitario, cheio de mascaras, de telas, de tintas e de li-

vros. Remexia tudo. Queria arrumar os objectos de arte. Estava satisfeita com a sua nova vida, embora fosse uma prisioneira. Venancio a trancava no quarto quando recebia visitas. Guardava o seu segredo: a sua descoberta. Elza era o seu novo modelo. Fizera um bello quadro reconstituindo na tela a scena do encontro: uma menina com ar faminto estendendo a mão. Elza começou a provocal-o. Beijava-o. Queria posar núa como as outras, cujos retratos estavam pelos cantos. E os dois se tornaram amantes. Inevitavel...

Venancio não a amava, mas desejava aquelle corpo fresco e encantava-se com os ares de innocencia de Elza. Viveram cinco mezes nessa doce aventura. Depois Elza começou a tomar attitudes; já impunha; brigava; tinha ciumes. Queria sahir com Venancio e ameaçava-o de escandalo. E o encanto passou. Afinal Elza abandonou o artista.

Tinha sido como uma lagarta que vivia dentro do casulo. Virou borboleta. Criou azas e tonta de luz foi queimar-se no disco bruxoleante de uma lamparina...
E acabou cahindo...

Venancio despertou-se dessa reminiscencia. Avistou um cavalleiro. Era o mecanico que trazia a roda do automovel. Cumprimentos. Conversas. Feito o serviço seguiu a cavallo, enquanto Venancio dirigia o automovel para a casa de Taciana.

IV

O PINTOR

A tarde tombava desfazendo-se em tinta suave. O vento soprava fortemente, despetalando as flores do grande jardim que circumdava a casa colonial da velha fazenda. O automovel parou numa alameda de lindos arbustos cuidadosamente aparados, cheia de vasos enormes, de flores de sombra, de tinhorões de côres vivas, samambaias gigantescas arrastando pelo chão os pentes verdes.

Taciana, do alto da escada de pedra, acenou com a mão. O gesto preguiçoso, convidando Venancio a subir. Elle a achou mais formosa, com outro vestido; um "tailleur" de casemira azul listrada de branco, punhos e gola de renda creme.

— Que vivenda adoravel é a sua, disse Venancio para disfarçar a emoção.

— São os seus olhos de artista que encontram adoração em tudo . . . Entre, sem cerimonia. Esta casa tem a honra de receber um artista illustre . . .

— Oh! Senhorita! Que vale um simples pintor diante da arte em pessoa...

— Sente-se Snr. Venancio. Jardim. não é ?

— Sim. Venancio Jardim. senhorita.

— O Snr. é carioca ?

— Não. Nasci em S. Paulo. Em Taubaté. Conhece S. Paulo ?

— Infelizmente, não. Tenho immenso desejo de conhecer sua terra. S. Paulo me entusiasma pelo seu progresso admiravel. Reside lá a minha melhor amiga. Foi minha collega durante todo o curso na Suissa. Convivemos cinco annos na mais intima camaradagem. E' uma creatura adoravel, muito intelligente e bonita. Talvez o Snr. a co-

nheça. Chama-se Aurea Rienzi, é filha de um industrial italiano riquíssimo, José Renzi. Aurea casou-se ha mezes com um medico paulista Dr. Lucio Xavier. Conhece essa gente ?

— Muito de nome. O Dr. Xavier é clinico de nomeada em S. Paulo. O Snr. Rienzi é muito conhecido. Estou fóra do Brasil ha dois annos. Estou com saudades da minha terra. Como já lhe disse venho da Europa. Estive na França, na Italia, Hespanha e Allemanha. Passei uns dias em Berlim. Embarquei em Hamburgo para cá.

— Hamburgo? E' a terra de meu avô. Si elle aqui estivesse o Snr. teria de dar noticias de lá. Meu avô fica louco de contentamento quando se fala de Hamburgo.

— Eu tinha idéa de passar algum tempo na Allemanha. Mas não me foi possivel demorar mais tempo. A Allemanha está um colosso de actividade, de progresso.

A moça falava com entusiasmo e contava factos passados na Suissa. Sem a interromper Venancio se deliciava com sua vóz fixando seus olhos como um religioso, em extase, diante da Virgem Maria.

Taciana falava com clareza. Sua bocca era vermelha e sensual, como um beijo mordido . . .

A conversa interrompeu-se com a chegada do Coronel Hilpert. Apresentações. Conversas ceremoniosas e desinteressantes para a visita. Os minutos se passavam com a morosidade de horas. Venancio impacientava-se com a conversa sem interesse do avô de Taciana. Sua atenção estava na moça que vinha sempre ao soccorro das "gaffes" do avô. O coronel era amavel, mas cacête. Falava em gado, em negocios da fazenda, em vida cara. Sympathisou-se com Venancio e o convidou para passar uns tempos com elles. Encontraria muitos motivos para suas

produções de arte. Venancio ficou radiante por haver conseguido o seu desejo. Sua visita não tivera outro objectivo, pois sabia que era costume dos fazendeiros hospedar pessoas amigas. Prometteu vir breve, já pensando na conquista da moça. Pintaria o retrato de Taciana. Si pudesse pintal-a nua... A visão do corpo nú, estuante de belleza, não lhe sahia da imaginação. O desejo de rever aquelle corpo inteiramente nú o allucinava. Por mais que se contivesse tinha a impressão de que Taciana adivinhava o seu pensamento, que seus olhos o trahiam. Seus olhos deveriam, naquelle momento, parecer de louco, sentia-os presos aos de Taciana, como se ella os magnetizasse. Tinha impetos de beijal-a, de agarral-a, de mordel-a. Mas aquella mulher-esphinge não se perturbava.

Taciana era como o vulcão — exteriormente frio e interiormente abrazador.

Quando Venancio se despediu sentia a

sensação da embriaguez. Pernas tropegas, mãos tremulas, cabeça escaldante. Taciana o acompanhou até a alameda, em baixo, e reiterou o pedido para vir passar uns dias com elles, na fazenda. Desejava que elle conhecesse sua avózinha, que não apparecêra por estar ligeiramente enferma.

V

PAIXÃO RUBRA

Venancio mandou no dia seguinte lindas flores a Taciana, agradecendo o amavel convite e participando que estava ultimando seus negocios urgentes e em breves dias lá estaria para pintar o retrato da "princeza dos pampas".

Em verdade elle não tinha negocio algum a tratar no Rio Grande do Sul. Lá estava em visita a um velho amigo. De volta da Europa saltára na Argentina onde estivera uns dias, passando-se ao Uruguay, para entrar no Rio Grande do Sul. Ha muito projectava fazer essa excursão e só a saudade de seu velho amigo o dispuzera a executal-a.

Quando encontrára Taciana banhando-se nas aguas da cascata sombria, Venancio Jardim, já estava com as passagens compradas para o Rio de Janeiro. Mas a tentação daquelle corpo esculptural, a belleza impressionante da mulher perturbadoramente linda fizera-o demorar-se na terra dos pampas.

Não partira ainda para a casa de Taciana por uma questão de elegancia. Estava esperando passar uns dias, ancioso para revêr a moça por quem se apaixonára.

Taciana tivera optima impressão e ficára mesmo sympathisando com o artista, que lhe seria uma optima companhia naquelle ambiente nostalgico.

Quando Venancio voltou á fazenda do Coronel Hilpert estava em condições de fazer uma série de quadros. Mas o unico que desejava fazer era a reproducção do banho

de Taciana. Era um tormento o seu contacto com a moça. Sentia arrepios quando por acaso della se approximava, quando apertava sua mão macia como a petala de rosa.

Taciana distrahia-se mais agora com a presença de seu amavel hospede. A' noite tocava piano, lia, cantava ou dansava com elle. Durante o dia sahiam a passeio a cavallo ou de automovel. A's vezes assistia o trabalho de pintura e apontava ao artista os quadros mais bellos da natureza. Venancio fazia grande esforço para manter a sua linha de cavalheiro, esperando conquistar o coração da moça. Tinha impetos de beijar-lhe a bocca, essa bocca que pedia beijos ardentes e apaixonados. Queria sorver esses labios vermelhos de febre do desejo e tremulos e quentes como seios voluptuosos.

Ao fim de uma semana de convivencia diaria com Taciana sentia que estava louca-

mente apaixonado. Era com dificuldade que fazia o seu retrato. Suas mãos tremiam diante do modelo. Certa vez ageitando a pose da moça, para melhor effeito, Venancio beijou-lhe a cabeça de ouro. Taciana o fitou com tal serenidade, com tal expressão que elle sentiu-se envergonhado e humilhado.

No dia seguinte, não a viu durante a manhã e a tarde.

A' noite o artista confessou o seu ardente amôr, o seu estado d'alma. Falou nervousamente, como um collegial, num impeto, segurando as mãos de Taciana, como se ella fosse partir naquelle momento. Confessou o seu amôr, a perturbação que sentia desde que a encontrou pela primeira vez. Falava com sinceridade. Sentia-se perturbado e confessou que sem ella não poderia mais viver.

Taciana, que já esperava por isso, recebeu a declaração de amôr com indifferença.

Limitou-se a sorrir amargamente. Depois de muita insistencia, prometeu dar-lhe uma resposta dentro de poucos dias.

Intimamente sentia-se triste, porque não tinha por elle o menor sentimento amoroso. Aos olhos de Venancio parecia uma mulher sem paixões; no entanto, seu coração ansiava pelo seu grande amôr.

O pensamento unico dessa mulher mysteriosa estava sempre longe, á procura do seu amado. O homem por quem vivia suspirando afastou-se della para nunca mais voltar. A causa da sua grande tristeza, da sua grande magua era esse amôr martyrisado. Era o abandono. O amôr sem esperanza.

VI

REMINISCENCIA

Revedo cartas e retratos Taciana recordava-se da unica phase da sua felicidade.

Tres mezes depois de chegar da Europa ella começou a se apaixonar por um joven capitão do exercito. Rapaz insinuante, intelligente, de character acendrado, de grande valor. Encontrou-o a primeira vez em casa de uma familia de suas relações; depois em varios logares e passeios combinados. Mais tarde passou a vel-o em sua casa, na fazenda. Alma serena. Grande character. Taciana apaixonou-se sériamente pelo joven militar. Elle tambem a amava muito.

Revedo seu archivo secreto Taciana folheava seu "diario". Nunca mais conti-

nuou a escrever *au jour le jour* suas idéas, suas impressões, seus pensamentos. Depois que elle partiu, as folhas do caderno ficaram em branco, pela metade. Um anno de saudade. Taciana relia as ultimas paginas escriptas.

.....

“Luiz partiu para sempre. Escreveu-me uma carta dizendo que só me procuraria quando tivesse uma grande posição social. Elle se offendeu com uma brincadeira minha. Foi, de facto, uma pilheria de máo gosto. Eu o offendi sem medir as consequencias das minhas palavras. E o fiz com o proposito de magoal-o para o experimentar. Disse-lhe quando me falou em nos casarmos que eu almejava um futuro opulento, que pensava em viver luxuosamente e que minha intenção era de me casar com um homem rico. E acabei dizendo que nunca me casaria com um simples capitão. Se ao

menos fosse general... Foram estas as ultimas palavras que lhe disse. Deixei-o partir na certeza de que voltaria como de costume. Hoje recebi uma carta sua chamando-me de mulher sem alma, sem coração.

.....

Ah! Se tu soubesses, Luiz, o quanto te amo, o quanto tenho soffrido, tu me perdoarias, como se perdôa uma criança.

.....

Tenho, em vão, procurado o Luiz. Ninguem sabe para onde elle foi. Creio que partiu para o Rio de Janeiro, para a casa de sua mãe. E eu não sei onde reside sua familia! Meu Deus! fazei com que Luiz volte !

.....

A roseira de rosas amarellas, lindas e cheirosas, essa roseira que espetou o dedo de Luiz quando tirou pela ultima vez, uma rosa para mim, essa roseira que sobe pela

janella do meu quarto, está morrendo. E com ella a minha ultima esperanza...

Luiz, meu amôr, onde estás? Vem para junto de mim.

.....

Meu Deus! Para que me destes momentos de felicidade para me deixar depois neste abandono, nesta tortura? O teu amôr Luiz é tudo para mim. A riqueza do teu talento, do teu character, vale tudo nesta vida.

.....

Eu fui castigada de mais. Luiz não supportou a minha affronta. Grande character, grande homem. Como eu te admiro, ó meu amôr, como eu te desejo, Luiz! Minh'alma se eleva para o teu perdão.

.....

Luiz matou o meu orgulho, o meu orgulho immenso e mudo. Hoje o meu unico

desejo consiste em viver a seus pés como uma escrava.

.....

Faz hoje um anno que Luiz partiu. Parece que foi ha um seculo! Nunca mais tive noticias do meu amado, desse homem que arrebatou meu pensamento, que me fez a mulher mais triste da terra.

Mas se um dia voltares serás meu, eternamente."

.....

Dessa pagina em diante nada mais havia escripto. Taciana contemplava o retrato do seu amado. Dois fios de lagrimas corriam pelas faces até os labios que tremiam com saudade daquella unica bocca que os beijára, que os mordera.

VII

NOSTALGIA

O sino da capellinha branca espalhava pelos campos o som soturno das seis badaladas.

A tarde recolhia seus ultimos raios de luz. Ave Maria. E' a hora roxa da saudade para os que vivem de illusões. E' a hora verde da esperança para os que vivem do trabalho quotidiano.

Ao ouvir as badaladas tristes e compassadas da Ave Maria, Taciana lembrava-se do famoso quadro de Millet, que tanto admirava pela simplicidade artistica e pela profunda poesia mystica daquelle casal de camponeses. Angelus. Aquelle par ventu-

roso que trabalhára o dia todo, de sol a sol, ceifando os trigaes, ali está contrito, de cabeça baixa, fazendo a sua oração, feliz, cheio de fé, de esperança, ouvindo o badalar do sino annunciando o fim do dia. Ave Maria.

Millet interpretou na sua obra prima o verdadeiro sentido da vida. O amôr alliado ao trabalho. A fé ligada á Esperança.

Como é divino sentir-se a vida atravez da natureza do trabalho e do amôr num cyclo só! Os dois camponezes do celebre quadro de Millet são a expressão maxima da felicidade, porque na sua dôce humildade sentem apenas a febre do trabalho, a doçura suprema do amôr-amizade, longe do mundo infame e traidor.

Ao chegarem á choupana os campo- nezes experimentam a dôce sensação de haver cumprido um dever sacrosanto. Ao deita- rem-se em busca do somno calmo, após a la- buta de um dia fatigante, nos braços ami-

gos um do outro, elles já estão pensando no trabalho do dia seguinte, na colheita, no pequeno lucro, nas economias, no vestido novo de chita, no calçado novo para irem á missa aos domingos. Amôr e trabalho. Fé e esperança.

Era assim que Taciana desejava viver: interpretando no palco da vida a poesia do poeta:

"Viver feliz com o seu amôr... e nada mais"

O seu noivado inesperado a preocupava muito. Ella jurára que seria sómente de Luiz, mas o seu proximo casamento seria o unico pretexto de sahir da fazenda onde não mais poderia viver. O tédio a matava lentamente. Seria o unico meio de ir ao encontro daquelle que levára seu coração, seu pensamento, sua alegria.

Ella não sentia a menor emoção pelo

proximo matrimonio. Não sentia nenhum remorso de se entregar a Venancio com o unico intuito de se approximar do homem que amava. Ella explicára ao noivo o estado de alma em que se encontrava. Expuzéra claramente as suas intenções. Emprestava-se a elle, unicamente. Venancio acceitára todas as condições expostas pela noiva.

Tambem elle estava cégo de amôr. Tinha a convicção de que o bizarro romantismo da noiva passaria depois do casamento.

VIII

NOVOS RUMOS

O coronel Hilpert e D. Carlota estavam satisfeitíssimos com o noivado da neta querida. Avivavam-se agora os projectos de mudança para o Rio, da venda das terras, da Fazenda. Na sala de visitas, junto ao piano, lá estava o retrato de Taciana feito por Venancio.

“Só falta falar”, dizia D. Carlota. Que artista admiravel é o Venancio. Os outros quadros são tambem magnificos. O coronel estava encantado com o noivo da neta. Venancio entrou na intimidade da familia. Não queria partir para o Rio de Janeiro sem elles. Queria fazer o retrato do coronel e de

D. Carlota quando estivessem na Capital. Para não pintar mais ali, porque sentia seu espirito muito perturbado pela presença de Taciana, Venancio estragára de proposito o material de pintura.

Foi com grande tristeza que repercutiu na Fazenda a proxima partida dos velhos e da moça. Taciana era muito querida por todos. Tratava os empregados com muito carinho. Recebia todos os dias muitos presentes de fructas, de flores, de passaros que lhe davam os empregados de casa.

Taciana chegára á conclusão de que precisava partir dali com maior urgencia possivel. Morria de saudade do Luiz. A melancolia dessa vida placida dos campos a atormentava. Chegára enfim, o pretexto de

mudar de rumo. Era preciso partir para um lugar em que houvesse ruído, agitação.

O Rio de Janeiro a attrahia pela esperança de encontrar-se com o capitão Luiz. Ella o imaginava na capital do Brasil. Era o lugar mais provavel de sua actual estadia. Alma irriquieta, fizera desse amôr sua unica aspiração. Esse amôr era o seu holocausto. O fogo da paixão incendiava sua carne nervosa como a flamma dos candela-bros. O amôr de Luiz era a sua vida, e todo o sacrificio seria em louvor dessa tortura deliciosa. Offerecera sua alma ao seu amado. Dera seu coração em troca desse amôr que era sua vida e que seria talvez a sua morte.

Confessára a Venancio o seu estado de alma. Expondo seu pensamento, dizendo a sua paixão pelo capitão Luiz Carlos, não queria que o homem que a pedia agora em casamento viesse a se arrepende mais tarde.

— Eu serei sempre delle. Si algum dia voltar, irei com elle.

Venancio accitava todas as condições. As probabilidades eram todas a seu favor. Esse romantismo de Taciana havia de passar. A esponja do tempo tudo apaga.

IX

O CASAMENTO

Dois mezes depois a fazenda foi vendida. Taciana estava nervosa e apprehensiva por deixar todas as suas recordações mais gratas, tudo aquillo que era a sua vida, que recordava sua mãe, seu pae, seu irmão. Tudo ali evocava sua existencia.

Como tudo aquillo lhe despedaçava a alma!... Taciana ansiada procurava esconder seu grande tormento. Distribuiu tudo que era seu pelos empregados. Não queria levar um só objecto que despertasse a grande saudade. Tinha a impressão de que ia suicidar-se.

Nunca mais voltaria ali. Não quiz despedir-se de pessoa alguma.

Na estação esperou pelo noivo e pelos avós. Estava numa excitação enorme. Queria afastar-se daquelles sitios como se estivesse perseguida por um remorso immenso.

Quando tomou o trem fechou os olhos e não poudo conter as lagrimas. Chorou. Chorou convulsivamente.

Chovia. Chovia durante horas interminaveis. Nunca Taciana se tinha encontrado numa indisposição de espirito mais inquieta. Nunca sentira dentro de si mesma um descontentamento mais amargo, um mal-estar mais angustioso. Nostalgia. Sentia-se tão só como se estivesse perdida em uma ilha deserta. A sensação dessa vacuidade despertava-lhe, ás vezes, uma especie de colera desesperadora.

Sentia que chegára o momento terrível, o momento supremo e decisivo de sua vida. Ella ia sacrificar o que lhe restava de fé e de idealismo. Mas esse sacrificio era uma necessidade da sua vida. Uma condição essencial da sua existencia.

O trem corria vertiginosamente para Porto Alegre. Taciana via passar como num kaleidoscopio a bella paizagem daquelles campos infinitos.

O casamento fôra realizado em Porto Alegre na maior intimidade. Apenas pessoas da familia assistiram ao acto.

Os tios de Taciana, irmãos de seu pae, fôram os padrinhos no religioso e os avós serviram de testemunhas no civil. Ao sair da igreja Taciana tirou o véo e o entregou a sua prima Julia como recordação. Horas depois o coronel e a mulher, a neta e o esposo

embarcavam no vapor que os conduziria ao Rio de Janeiro.

Decididamente essa mulher é uma esphinge! conjecturava o artista ao contemplar a moça que o fitava sem o menor contentamento, ao menos fingido.

Era o primeiro acto da grande tragedia.

X

A REVOLUÇÃO PAULISTA

A bordo começaram a falar da grande novidade do dia. Irrompera a revolução em S. Paulo. Grande agitação. Todos queriam saber das ultimas noticias. Os boatos enchiam os ouvidos dos passageiros. E vinham os commentarios mais absurdos. Era o principio de uma grande catastrophe. O Exercito estava disposto a depôr o governo. Indicio da dictadura militar. A terra dos Bandeirantes fôra a escolhida para dar o exemplo, para ser o berço da agitação da alma nacional. Todos já esperavam por aquillo. Alguns passageiros contavam vantagens e teciam um hymno aos revoltosos. E' pena

que houvesse partido da classe militar, diziam alguns. Outros asseguravam que o Exercito era apenas um coadjuvante, pois a revolução era civil.

E vieram os commentarios em torno á attitude hostile e arbitraria do governo. O achincalhe ao Exercito.

Veio á baila a revolta de 5 de Julho. A bravura de Siqueira Campos. O heroismo de Newton Prado. Os 18 de Copacabana.

— E' uma das paginas mais lindas da Historia do Brasil, disse um medico, joven ainda. Assisti ao heroismo indescrivel desses bravos que enfrentaram um Exercito, na praia de Copacabana. Presenciei a marcha dos 18 heroes em caminho da morte. Newton Prado e Siqueira Campos eram dois gigantes diante daquella immensa fila de soldados por todos os cantos. Ouviam-se gritos lancinantes que partiam das janellas, das ruas, do povo, que protestava contra a lou-

cura que aquelles moços estavam fazendo. Elles caminhavam impavidos. A' frente iam Siqueira Campos e Newton Prado.

Todos ouviam o medico falar com grande entusiasmo. Depois de uma pausa elle continuou.

— Que scena emocionante! Imaginae Siqueira Campos retalhando a bandeira brasileira em 18 pedaços e offerecendo um a cada companheiro de ideal. Elles iam morrer com um pedaço da bandeira de sua patria junto do coração.

O heroismo é um estado de inconsciencia. A scena dos 18 de Copacabana é indiscriptivel. Só mesmo quem a assistiu póde ter uma idéa do que foi a emocionante luta, a marcha somnambulica desse punhado de gente, caminhando de peito aberto, olhar sereno, como se marchasse numa parada militar, em dia de festa.

O joven medico era assediado por todos. Os ouvintes faziam perguntas. Venancia conhecia os pormenores da revoluçãõ de 1922 e falava com entusiasmo dos 18 de Copacabana. Lembravam a coincidência de data, pois fazia dois annos justos que se dera a revolta do Forte de Copacabana.

— A 5 de Julho do anno passado esperava-se a revoluçãõ. Estava tudo preparado para a commemoraçãõ, pelo fogo, do primeiro anniversario do heroismo de Siqueira Campos e Newton Prado. Mas o governo tomára taes precauções que fôra impossivel a realizaçãõ do grande movimento. Hoje, dois annos justos, S. Paulo rompe fogo accendendo o rastilho que deve estender-se de Norte a Sul.

— Eu prevejo um grande incendio. Deve haver uma organizaçãõ perfeita nesse movimento revolucionario.

— Mas quem será o chefe ?

Ainda eram desconhecidos os pormenores da revolução.

O assumpto dessa noite foi a revolta de S. Paulo. Muitas pessoas que se destinavam a esse Estado previam a impossibilidade do desembarque em Santos e já pensavam em seguir para o Rio.

— Mas será a mesma coisa. Essa revolução deve ser combinada e será secundada em breve pelas forças do Rio, interveio Venancio.

Taciana, que tomou parte na conversa, estava muito interessada na personalidade de Siqueira Campos, de cujos feitos ouvira Luiz Carlos fazer rasgados elogios. Luiz Carlos era um entusiasta da revolução de 5 de Julho.

Só no dia seguinte é que se soube a bordo do nome do chefe do movimento revolucionario de São Paulo. Pessoa alguma, dentre os que tomavam parte na conversa

sobre a revolta, conhecia o nome do General Isidoro Dias Lopes.

Os dias de viagem se passaram sob apreensões. As noticias que vinham da terra eram confusas e laconicas. O commandante não informava as minucias, por isso o desembarque na Praça Mauá foi feito com ansiedade, e já no cáes os passageiros pediam informações e jornaes.

Isidoro Dias Lopes era o nome do dia. Miguel Costa. Prisões no Rio. Adhesões. Violencia da policia. Forças em movimento. O aspecto da rua era de contentamento. Em todos os cantos se falava do movimento armado de São Paulo. Boatos alarman-tes. Mentiras. Confusão,

Venancio, Taciana e os velhos se hospedaram no Palace-Hotel. Por todos os cantos conspirava-se contra o governo.

Os dias se succediam numa atmosphera de terror. Os jornaes censurados pela po-

licia abstinham-se de noticiario que satisfizesse á população. A revolução ia tomando incremento. Tinha-se a impressão de que faltava pouco para a deposição do governo. A esquadra iria tomar parte na revolta. Os boatos tomavam vulto. Ia chover bala pela cidade...

Venancio estava entusiasmado com a revolução em seu Estado. O povo paulista prestava auxilio aos revoltosos. Se elle lá estivesse cooperaria ao lado dos bravos revolucionarios. Elle conhecia Miguel Costa e Cabanas, da Força Publica de São Paulo. Venancio discutia com sua esposa tambem muito entusiasmada pela causa da revolução.

Taciana delirava de contentamento. Não era mais a moça nostalgica de hontem. Vibrava agora de entusiasmo. Esse ambiente de excitação, de barulho, é que lhe

convinha. Ella precisava esquecer-se do seu martyrio, do amor que a consumia.

Lembrava-se sempre do seu amado e quando se falava em revolução pensava nas palavras de enthusiasmo de Luiz Carlos, o valente capitão que muitas vezes lhe falou da necessidade de um grande movimento revolucionario em beneficio do paiz. Quando elle se referia ao episodio de Copacabana, fazia os maiores elogios a Siqueira Campos e ao valente Newton Prado.

Taciana tinha presentimento da entrada do seu amado nesta revolução.

Onde estaria elle a estas horas? Escreveu com a unha, na toalha da mesa de chá, o nome do homem por quem suspirava naquelle momento — Luiz Carlos Prestes.

XI

O GENERAL DA REVOLUÇÃO

Depois da retirada dos revolucionarios da capital paulista a cidade entrou em nova phase de vida. Durante quasi um mez as forças revolucionarias sob a chefia do General Isidoro Dias Lopes resistiam heroicamente.

Apesar dos revolucionarios estarem ainda em optimas condições, os chefes do bello movimento resolveram abandonar a capital paulista por questão de sentimentos de humanidade.

A cidade muito soffria com o bombardeio iniciado pelas forças legalistas e estava em vias de ser arrazada.

O facho da revolução de 1924 continuava, porém, acceso no territorio brasileiro.

A resistencia desses revolucionarios surgidos naquelle mez frio de Julho de 1924 revelou um punhado de heroes que ficarão immortaes na historia da Revolução do Brasil.

Poucos mezes depois de iniciado o movimento paulista surgiu um nome que assombrava o Brasil inteiro com a sua audacia inacreditavel. Era o general de 28 annos de idade — Luiz Carlos Prestes. O seu valor militar impunha grande respeito ao proprio inimigo.

O general Prestes com os seus fieis companheiros de ideal e de armas desafiava o Exercito inimigo.

Era o general da revolução.

Taciana acompanhava, ansiosa, todas as phases desse movimento. A entrada de Prestes na revolução fel-a soffrer muito. Vivia sobresaltada, em constantes crises de nervos.

A conselho medico foi passar alguns dias em Icarahy. Necessitava de tomar banhos de mar e de sol. Venancio quiz que fossem para Copacabana, mas a esposa preferiu a linda e poetica praia de Icarahy. Ali o mar é calmo, o ambiente mais romantico. O mar de Copacabana é como a vida real: agitada e má. E' a ambição. O mar de Icarahy é manso. E' o sonho.

Taciana tinha o seu pensamento muito longe. As ondas se espraivavam e apagavam o nome escripto na areia. Mas Taciana escrevia novamente — *L u i z* — e as aguas novamente apagavam o que ella escrevêra.

Que espectaculo maravilhoso ! A areia

muito alva, brilhava ao sol como diamante triturado.

Taciana invejava a vida marítima. Si fosse homem seria marinheiro ou pescador. Como seria delicioso conhecer os perigos das ondas; sentir as emoções de uma tempestade em alto mar; estar longe da terra, do mundo, de tudo !

E lembrava-se das aventuras dos antigos piratas, dos livros que lêra quando criança. As sereias que cantavam acompanhando os navios até que lhe atirassem pentes, sabonetes, perfumes... Si não lhe dessem um pente, ao menos, para pentear seus cabellos verdes, ella cantava uma canção tão triste que o navio afundava...

Os gritos de uma menina que estava se afogando despertaram Taciana do seu sonho acordado.

Agrupavam-se os banhistas enquanto outros se atiravam n'agua para salvar a

criança. Trazida para a praia a menina começou a chorar. Fôra um susto apenas.

Taciana entrou no mar. Todos admiravam aquella mulher bonita que passava silenciosa como uma sombra.

Venancio concordou em ficarem morando em Icarahy. Tudo fazia para agradar a esposa. Ella queria olhar sempre para o mar que com as crianças era a sua paixão na linda praia. Quasi sempre sahia á noite com as suas amiguinhas, crianças dos visinhos que a procuravam para receberem os presentes. Brinquedos; frutas; doces.

Muitas vezes Taciana não apparecia e ficava trancada em seu quarto, atacada de profunda neurasthenia, presa de forte nervosismo, diante de um mappa do Brasil acompanhando a marcha da Columna Prestes.

O tempo passava. Succediam-se os mezes. Taciana enervada como uma prisioneira que espera o julgamento para a sua liberdade, ansiava pela chegada do outro dia.

Venancio inventava passeios para poder estar junto de sua esposa, mas Taciana preferia estar sempre só. Ficava horas a fio diante de uma paisagem da natureza. Mas naquella manhã radiosa, de sol causticante, parecia uma criança ao lado de Venancio, dirigindo o pequeno barco-motor, que voava a flôr das aguas mansas. Na disparada louca ella sentia a volupia da velocidade. Quando chegaram a Jurujuba, Taciana estava radiante. Dir-se-ia embriagada daquella belleza selvagem. Corria na areia com indisivel contentamento. O lindo recanto de Jurujuba estava completamente deserto. Venancio, aproveitando-se daquelle raro estado de espirito da mulher beijava-a loucamente. O

casal se abraçava como dois amantes que se escondessem naquelle logar ermo, longe dos olhos indiscretos.

Venancio não se cansava de admirar o corpo de sua mulher, cujo "maillot" muito collado, fazia transparecer suas fórmas esculpturaes.

A lembrança do banho, a imagem daquelle corpo nú que vira pela primeira vez no Rio Grande do Sul, não lhe sahia da mente. Agarrava a mulher para lhe beijar a nuca, os braços. Taciana se desvencilhava e corria pela praia. Venancio conseguia agarral-a outra vez e desprender as alças dos hombros para beijar-lhe os seios que surgiam como duas fontes maravilhosas á bocca de um homem cuja febre o matava de sede...

Taciana estava possuida de uma sensação estranha. A voluptia tomava conta de seu sêr. Sentia os braços fortes rodearem seu

corpo; as mãos febris que tremiam ao contacto da carne em braza. Aproveitando-se do estado de volupia da mulher, o pintor beijava-a, correndo a lingua pela carne setinosa... Taciana tinha a impressão de estar sendo invadida por uma avidez sensual, dominadora, que lhe perturbava os sentidos... Seus braços cahiram, vencidos. Entregou-se, inevitavelmente. A volupia... O "frisson" enervante. A coega era um supplicio para Taciana, que sentia uma sensação estranha na sua carne abrazadora...

E os dois ficaram algum tempo presos á mesma corrente que os electricitava...

Repentinamente, possuida por um choque impulsivo de consciencia, Taciana desvencilhou-se do corpo de Venancio, vestiu apressadamente o "maillot" e sahiu correndo, sentindo as pernas tropegas e a cabeça escaldante.

XII

A GRANDE SAUDADE

Taciana sentiu profundamente a morte da sua avó. Dois mezes depois de perder a esposa, o velho Hilpert resolveu partir para Hamburgo, onde desejava passar o resto de seus dias, ao lado dos seus parentes. Taciana sentia-se cada vez mais só, mais abandonada. A ausencia dos avós augmentára a sua tristeza. Mais que nunca experimentava o amargôr da solidão imperecível.

Seu marido continuava a tortural-a : queria a todo transe que ella posasse núa, pois vivia obcecado pelo corpo da mulher chegando ao cumulo de ameaçál-a se não consentisse nos seus desejos libidinosos.

Não podia viver mais naquelle ambiente de sobresalto, de tristeza, de abandono.

Tinha necessidade de sahir da companhia de Venancio; receiava que elle enlouquecesse de um momento para outro. Muitas vezes acordava sobresaltada ao sentir o marido ao seu lado, procurando despil-a.

Esperava apenas que Luiz Carlos Prestes parasse da sua marcha, que vencesse a grande batalha, que fugisse mesmo, mas que estivesse em um logar em que ella pudesse ir ao seu encontro. Imaginava o bem que ia fazer a sua presença ao lado daquelle que necessitava, agora mais do que nunca, do seu amôr. Ella cuidaria da saude, naturalmente abalada, do seu amado; seria a companheira consoladora. Assim que pudesse iria ao seu encontro para tratar delle com o desvello de mãe, com o carinho de amante.

A musica despertava um ambiente de nostalgica serenidade e grande poesia. Embalada pelos seus sonhos de amôr, Taciana sentia a musica que se tornava a sua propria alma, e todo o seu sêr fundia-se em suspiros, explodia em soluços.

Lembrava-se de Prestes, o seu grande amôr, aquelle joven que era a sua maior vaidade, o seu orgulho maximo. Elle a amava com dignidade. Era um homem de character, muito differente daquelles que a rodeavam agora nos salões, sem elegancia moral.

Naquella varanda, completamente escura, vinham morrer, docemente, os murmurios do grande baile.

Taciana via, ao longe, o salão repleto de gente que dansava animadamente.

A musica irradiava-se no silencio apavorante da noite tenebrosa como a sombra dos salgueiros.

As scintillações do baile chegavam como um raio de luz ao fundo de uma cisterna, áquella varanda onde Taciana esperava o somno até quasi madrugada.

Seu olhar perdia-se no infinito do céu sem estrellas e sua cabeça, como uma papoula soprada pelo vento, balouçava-se acompanhando o rythmo da musica.

Aquelle baile tão alegre despertava-lhe uma saudade immensa, saudade de uma época que ella não vivera; saudade infinita do tempo que passára, saudade do que ella não conhecera, saudade da felicidade ignorada. Saudade da vida.

Embora muito moça ainda, com menos de 25 annos de idade, época da maior floração da mulher, Taciana sentia que a sua mocidade passára com a vertigem do

tempo, dolorosamente, sem nunca ter provado o prazer da vida.

Pensava, angustiada, na inutilidade de sua existencia, na sua vida sem beneficio algum para qualquer pessoa, mesmo para ella. Era uma linda flôr de neve, sem perfume, sem côr, sem mel para as abelhas douradas. Sentia-se uma mulher inutil. Nem a esperança de ser mãe lhe restava. Sómente o milagre da maternidade poderia salvar-a da terrivel hypocondria que a estava matando lentamente, lentamente...

Ah! não poder sentir a vida como aquellas moças que estavam ali no baile, embriagando-se de prazer, embebedando-se de amôr na vertigem da valsa !

Almas tontas de luz, de musica, de prazeres voluptuosos... Corações cheios de esperanças, palpitantes de emoções novas...

Taciana contemplava o céu sem estrelas, triste como sua alma sem fé.

A musica que começava a ser executada no baile despertou, de repente, todo o sêr daquella pobre creatura ali abandonada. Taciana ficou attenta ao ouvir aquella musica que lhe avivava uma das paginas mais frementes de sua historia amorosa. Era a musica de sua predileção, a musica que fazia vibrar todo o seu sentimento artistico, que fazia estremecer o seu coração amoroso, que acordava a sua saudade. Era a sua musica. Era a musica que embalára docemente a infancia do seu amôr.

Pôz-se em pé com vontade de gritar :
— “Mais alto ! Mais alto !”

Oh ! a musica ouvida no silencio lugubre daquella noite escura penetrava-lhe os ouvidos como um balsamo bemdito.

XIII

A INSPIRADORA

Taciana tinha a certeza de que o valente capitão se fizera revolucionario pensando nella. Julgava-se a inspiradora de Luiz Carlos Prestes. Fôra, sem duvida, o grande amôr martyrisado por uma separação brusca que o levára a chefiar um movimento armado, enfrentando os maiores perigos, procurando na morte heroica, o esquecimento do seu grande amôr.

Lembrava-se de um pensamento delle quando a beijára a vez primeira :

— “Tu nasceste dos sorrisos dos deuses” ...

Se o mundo soubesse que era ella a causadora do heroismo daquelle general de

28 annos de idade, pensava Taciana, seria a mulher mais admirada da época. Mas preferia guardar o segredo do seu coração, com o egoismo de saber, só ella, da causa daquella bravura, daquelle heroismo inedito na historia do Brasil.

Invencivel na luta, desafiando o mais forte, corajoso até a temeridade, Prestes tornava-se cada vez maior aos olhos da Patria que elle tanto amava. A energia daquelle homem suave como a palavra dos Apostolos fizéra delle o grande general que todos admiravam. Pela sua coragem inaudita conquistára a confiança que o fizera o chefe supremo.

Taciana lia todos os jornaes para acompanhar a marcha da Columna Prestes com a maior exaltação, com o mais vivo interesse.

Lembrava-se com infinita saudade dos tempos que passára ao lado de Prestes:

Quem diria que aquelle moço sentimental que passava longo tempo a seu lado sentindo a infiltração da musica em sua alma, despertando a saudade de sua mãe e suas irmãs, era o grande chefe que hoje desafiava a morte pelos sertões, florestas, rios e pantanos !

Procurava sempre auscultar a opinião dos outros sobre o heroismo de Prestes. Era com grande satisfação que ouvia os elogios ao bravo guerreiro.

Venancio esperava a todo momento a derrota daquelle "soldadinho de chumbo" como chamava a Luiz Carlos Prestes. Sabendo da paixão da esposa pelo bravo militar contava que com a morte de Prestes sua esposa "voltasse á razão".

Taciana comparecia a todos os centros de elegancia. Sua vida mundana era de grande irradiação. Frequentava os cinemas, os

theatros, os bailes, tudo que a distrahisse e a fizesse esquecer.

Sua paixão pelas flôres tomava-lhe grande parte do dia. A jardinagem a distrahia muito. Com o maior carinho plantava e replantava as begonias, as avencas, as flôres de sombra. Namorava as flôres do seu jardim e acompanhava, todas as manhãs, o despontar dos pequenos botões até a eclosão das rosas. Era assim que matava a insipidez da sua vida matinal, após o banho de mar.

Nas horas de *spleen* nada a fazia sahir de casa; ficava como a cegonha do poeta — “debruçada sobre a angustia infinita de si mesma”.

Sentia não poder estar ao lado de Prestes e lembrava-se de Annita Garibaldi combatendo junto do seu amado.

Toda a beleza dessa vida de mulher que se fizera guerreira pelo amor do marido,

dessa heroína e martyr que sacrificára toda a sua mocidade em holocausto ao seu amor: todo o esplendor, toda a vida de Annita passava em imagens vivas pelo pensamento de Taciana. Imaginava a anjo tutelar do general Garibaldi, na cavalgada indomita, defendendo os ideaes do seu amado. Annita, a maior gloria, do grande guerreiro, fôra a sua inspiração.

Tambem ella seria uma heroína se estivesse naquelle momento ao lado do seu amado.

XIV

A TORTURA DO ARTISTA

Todo o artista tem sempre predileção por um dos seus trabalhos. O escriptor prefere um dos seus livros aos outros. O pintor não se cansa nunca de extasiar-se diante da t ela que mais ama, que lhe desperta a maior sensa o de arte.

Venancio julgava Taciana a maior, a mais perfeita das suas obras de arte como se ella fosse propriedade sua, um quadro seu. Como o explorador que faz uma escava o e encontra a estatua deslumbrante e passa a considerar um trabalho seu aquelle marmore que encontr a sob a terra, Venancio con-

siderava Taciana como uma obra de arte que imaginára e executára.

Não tinha animo de trabalhar, de fazer alguma coisa util. Si pegava o pincel para começar um quadro, desenhava-se em sua mente a imagem satânica de Taciana. E elle a imaginava sempre núa como uma estatua deslumbrante.

Era a David, seu irmão e amigo que elle se desabafava um pouco:

—Não posso mais estar ao lado de Taciana. Os meus nervos estalam. Minha' alma se accumula de desejos insanos; os meus sentidos me atormentam. Sinto pavor de mim mesmo, tenho medo de enlouquecer. Entretanto, sinto que não posso viver sem ella. Estou como o cocainomano que sente o prazer na desgraça. E' o mal que faz bem. Taciana me fascina. Muitas vezes desperto, sobresaltado, ouvindo-a me chamar. Ao chegar ao seu quarto fico a seus pés vendo-a

dormir, admirando aquelle corpo, aquella carne de seda. Sua belleza me tonteia como a luz do sol. E é com esforço que me contenho para não matal-a, para não mordel-a toda como um cão damnado!

— Nunca se mata o que se ama.

— Wilde é quem tinha razão. Sempre se mata o que se ama. Com um olhar... com um punhal. O mais forte com o punhal. Eu sinto vontade de morder a sua bocca, de sentir o seu sangue escorrer pela minha bocca. Entretanto nas raras vezes em que a tenho em meus braços sinto-me tremulo como um covarde.

David reprovava o procedimento do irmão, dava-lhe conselhos inuteis.

— E' a suprema desgraça. A imagem dessa mulher diabolica só me apparece núa.

Seu estado d'alma era o daquelle personagem de D'Annunzio em "La cittá mor-

ta" que se apaixonára loucamente pela irmã. Tinha medo de enlouquecer.

— Precisas raciocinar um pouco. Lembra-te que ella é tua esposa e não tua amante. Querias que ella fosse como as que passaram pelos teus braços despidas de roupas e de dignidade? Preferias que Taciana satisfizesse a todos os teus desejos bestiaes mas que reproduzisse as mesmas scenas com os amantes? Por ser honesta tu a recriminas. Que seria de ti se ella tivesse um amante?

— E sem isto o que sou eu? — Um eterno torturado, um homem fascinado por uma mulher, um artista obsecado pelo corpo de mua estatua viva! Que sou eu! Um marido abandonado por sua esposa que o tortura com o seu eterno desprezo! Um homem a regatear carinho de uma mulher excessivamente vaidosa e horriavelmente romantica!

— E de quem é a culpa? Tu a conheste tal como é hoje. Casaste ás pressas. sem estudar as possibilidades de um entendimento, de uma felicidade relativa. De resto, meu irmão, o homem nunca se sente satisfeito. Não ha desejo mais elevado e mais duradouro que aquelle que nunca se satisfaz. A vida é mesmo assim. O artista vive sempre sonhando com a perfeição.

Realizar o ideal é anniquilal-o. A perfeição é o sol. Doura os trigaes de uns e mata outros com os seus raios vermelhos. Por que havemos sempre de desejar o irrealizavel?

Emquanto David falava Venancio tinha seu pensamento muito longe.

Que lhe importava que Taciana tivesse um amante? O que elle queria é que ella fosse sua amante.

XV

SONHO DE MULHER

Como uma somnambula, Taciana passeiava, nas noites de insonia pela casa silenciosa. Seus braços nús pareciam nadar vagorosamente no ar.

Venancio procurava na rua, nas rodas bohemias, o prazer que não encontrava no lar. Queria embriagar sua alma no turbilhão dos "cabarets" entre mulheres que disputavam o seu beijo e a sua bolsa.

Muitas vezes, ao chegar de madrugada, dirigia-se ao quarto da esposa e sentia que as outras mulheres não conseguiam fazer com que elle se esquecesse de Taciana.

Naquella manhã de sol frio a praia de Icarahy estava deserta como uma nave de convento. O mar silencioso parecia um grande lago adormecido. Venancio pintava e Taciana, sem o saber, servia de modelo, recostada num monte de areia com o busto suspenso e a cabeça apoiada nos braços cansados. O *maillot* apertado fazia sobresahir as fôrmas elegantes do corpo quasi nú. Contemplava, absorta, o mar sereno, com o olhar perdido no infinito azul do céo. Já elle pintára varias poses de Taciana mas não lhe sahia da mente a allucinação de pintal-a núa.

A vida ao ar livre tinha para Taciana a magia do descanso; sentia-se mais perto do seu ideal, da verdade e mais ao alcance da felicidade. A natureza actuava em todos os seus sentidos, enchia-lhe o pensamento de lindas imagens; dava-lhe mais vigor e coragem de supportar a vida soffredora que

passava. O magestoso silencio da natureza enlevava sua alma romantica, despertava-lhe fundos e vivos pensamentos, varria de sua frente os vinculos da duvida e da tristeza. Despertava-lhe o sentimento da harmonia, a beleza da vida exterior. Seu principal prazer era a contemplação da natureza.

Seu olhar se espraiaava horas e horas no gigantesco quadro da terra e do mar.

Seu pensamento era como o crepusculo; formado da combinação do dia e da noite. Duvida e esperança.

Taciana vivia eternamente apaixonada, por um sonho, talvez. Ella sentia, na alma, a mesma acção da febre, no corpo.

O Pão de Assucar, com a imponencia de marco da cidade, ostentava-se ao longe.

Da varanda de sua casa, Taciana contemplava a agonia da tarde; lembrava-se

das palavras do jornalista sobre a vida miserável que levava Luiz Carlos Prestes. La Gaiba era o inferno verde. Ella fôra ao encontro do enviado do "O Jornal para saber como poderia mandar um emissario ao general Prestes. O jornalista lhe déra as informações mais desesperanças. Contára como conseguira chegar á região longinqua do oriente boliviano completamente selvagem. A odysseá de uma viagem accidentada, perigosa, numa lancha sem conforto, durante quasi tres dias para chegar a La Gaiba onde se refugiára o maior guerreiro da revolução brasileira.

O jornalista descrevera o que observára em torno de Prestes. O que publicára no "O Jornal" fôra uma simples idéa do que se passava em La Gaiba. A falta de alimentação, a insalubridade do local, a ausencia absoluta de recursos de qualquer natureza, estavam matando os bravos solda-

dos brasileiros. Heroes que preferiam morrer ao lado do homem que admiravam sobre todas as coisas da terra, a abandonar o seu general depois das maiores bravuras no sólo da patria. Prestes era o que mais soffria porque soffria tambem moralmente vendo os seus soldados morrer aos poucos, sem que os pudesse socorrer.

Eram indiscriptiveis as scenas de soffrimento totalmente imprevistas. Os cruciantes padecimentos daquelles infelizes, cerca de seiscentos homens, que juraram morrer aos olhares do bravo general, eram a maior dôr de Luiz Carlos Prestes. Os que estavam menos fracos procuravam trabalho cortando lenha.

Taciana ouviu calmamente toda a narrativa do jornalista. Disse-lhe para evitar possivel complicação aos seus planos e tambem por uma questão de egoismo, que desejava as informações porque fizera uma

promessa de enviar, por um portador seu, remedios e agasalhos aos soldados da Columna Prestes.

Si os jornaes soubessem que ella era a inspiradora de Luiz Carlos Prestes!... Si soubessem que elle se fizera o grande heroe pelo seu amor!

Disse ao jornalista que lêra as reportagens do "O Jornal" e por isso fôra ao encontro do redactor que entrevistára o general Prestes.

Emquanto a tarde cahia como um veo cinzento sobre seus olhos cançados, Taciana recordava-se das palavras do jornalista:

— "Prestes é o que mais soffre".

Ella imaginava a sua proxima viagem a La Gaiba. Como elle a receberia? Pensava no bem que ia fazer a seu amado. Imaginava o serviço que prestaria áquelle glorioso militar que se fizera o heroe do Brasil pelo amor que tinha por ella. Luiz, seu amado,

precisava della mais do que ninguem. E as duvidas vinham perturbar o doce embalo dos seus pensamentos. Deveria ella dizer que se casára? Como iria se apresentar agora ao seu noivo eterno? Como a receberia elle? Jurára, ao som de beijos ardentes, que seria sómente d'elle, que o esperaria toda a vida. Acreditaria elle que ella se casára com Venancio para poder enconral-o, a elle Luiz, a elle, o seu unico amor na vida?

Sua ida a La Gaiba não seria a prova mais positiva do seu amor?

Taciana dissipava todas as duvidas que povoavam o seu cerebro, com a certeza de que Luiz Carlos Prestes não poderia duvidar do seu grande amor. Elle a amava e saberia perdoal-a. Vinham-lhe as recordações mais doces do seu tempo de felicidade no Rio Grande do Sul. As juras de amor. as promessas de uma felicidade eterna.

Ella, ao piano, tocando as suas musicas predilectas e elle ouvindo embevecido e vendo as mãos da sua amada deslizando no teclado, como lyrios desabrochando á luz do sol.

Durante o jantar, Taciana teve vontade de dizer a Venancio a sua resolução de o abandonar. Chegára a hora de seguir o seu destino. Ella o prevenira antes de casarse e tambem depois do casamento disséra ao marido que estava emprestada a elle.

Venancio não acreditava na possibilidade de Taciana o abandonar para juntarse a Luiz Carlos Prestes. Aquelle amor não passava de fantasia do espirito romantico de sua esposa. Elle considerava Luiz Carlos Prestes um homem liquidado. Morreria, fatalmente, no exilio já que se salvára durante os trinta mezes de luta nos Estados do Brasil.

Venancio não occultava seu odio pelo

valente militar, por saber que elle era a maior preocupação da Taciana.

Durante o jantar, Venancio convidou a Taciana para um passeio. Ella allegou indisposição. Não queria sahir naquella noite. Precisava escrever a seu irmão Tasso e mandar-lhe uns retratos della. Para disfarçar fallou no irmão que terminava o curso naquelle anno.

Atravez da fumaça azulada do charuto, Venancio observava a esposa em extase olhos de estatua, physionomia parada.

Taciana sentia profunda sympathia por Venancio e admirava-lhe o cavalheirismo, a elegancia, a fidalguia, o character de homem. Elle era um optimo companheiro, um bom amigo. Inteligente e culto, sympathico e amavel, era uma bella figura nas reuniões, nos bailes, entre as mulheres que o

admiravam. Ella sentia grande amizade por elle. Si Venancio tivesse sabido captar o seu amor, si não fôra a sua brutalidade de macho, a sua paixão bestial, ella seria feliz e talvez tivesse esquecido daquelle amor-martyrio.

Era uma mulher predestinada a viver amargurada. Nem ao menos a ventura de ser mãe! Os tres annos de casada tinham passado como um sonho.

A sua formação de mulher, na neve da Suissa, orphã de mãe e pae, de todo carinho, fôra feita na mais profunda tristeza.

No collegio, em Berna, sempre fôra uma moça tímida, sempre estudando, sem entrar em convivio com as alegrias de suas collegas. Sua candura tocante e ridicula aos olhos das companheiras a impediam de tomar parte nas conversas intimas das moças que falavam em namorados passados e vindouros. Naquelles cinco annos de reclusão

espiritual ella não pensára nunca em homem algum. Tendo entrado criança para o collegio interno e regressado á casa já mulher feita, não tivera nunca um namorado. O primeiro e unico homem que despertára o seu amor fôra Luiz Carlos Prestes. Durante o tempo que se namoravam nunca sentira a mácula do despudor. Elle sempre fôra um fidalgo, um character acendrado, um homem digno. Sabia que a alma de sua amada era como uma camelia cujo contacto aspero mancha para sempre.

Creada num ambiente de pureza, com o espirito educado para as imagens sublimes da terra e do céo, tivera immensa desillusão e grande revolta intima com a brutalidade do homem com quem se casára; desse homem cuja sexualidade a enojára.

Era a mulher — alma.

XVI

A PARTIDA

Taciana despedia-se, com o olhar transbordante de melancolia, de sua casa, de todos os seus objectos de arte.

Naquelle dia chuvoso e triste sentia sua alma invadida por uma sensação estranha, uma especie de entorpecimento, a cabeça vasia, tonta como se tivesse aspirado muito ether. Uma vontade louca de chorar. Se conseguisse chorar naquelle momento, si conseguisse desabafar-se daquella angustia que lhe comprimia o peito, talvez não partisse naquella tarde fria para nunca mais voltar.

Aquella casa, em Icarahy, lhe despertava já uma saudade infinita.

Não partiria, talvez, se Venancio a tivesse comprehendido, se tivesse sabido despertar-lhe o amor de que tanto necessitava.

Tambem elle era orgulhoso. Na sua vida de casado não conhecera nunca a felicidade.

A felicidade, sendo apenas uma idéa, só reside no espirito.

Venancio vivia num estado desesperador, só imaginava a desgraça. Seu olhar sempre perdido na contemplação do ideal, attrahia, como por encanto funesto, fantasmas terríveis que o rodeiavam.

Taciana pensava na sua vida de eterna abandonada. Nunca tivera a ventura de ter a seu lado, no convívio doce da intimidade, uma pessoa amiga que a comprehendesse, que a amasse, com o verdadeiro amor de amigo. Tinha inveja das pessoas que viviam num circulo de amizade, das pessoas que eram felizes ao lado dos paes, dos irmãos.

dos filhos, dos esposos; das mulheres que tinham amigos, que viviam, enfim, contentes e felizes.

Sempre isolada do convívio social, só encontrára uma pessoa que a comprehendera e a amára. Foi esse amor que lhe despertou o sentido da vida. Nos poucos mezes de convívio com Luiz Carlos Prestes sentira o palpitar do seu coração; sentira a sensação do prazer; a belleza da vida.

Mas esse estado de espirito durára pouco.

Nos tres annos de casada continuava torturada pelo espirito. Tivera sómente o prazer visual. Mudára apenas o scenario. No Rio Grande do Sul vivia cançada de ver eternamente a mesma paizagem. O Rio de Janeiro a tonteava com as suas multiplas bellezas, com os seductores aspectos da natureza.

O mar a fascinava; era o reflexo de sua alma. Quando o mar estava revolto ella sentia a tormenta em sua alma. Si estava triste, elle se entristecia e só se alegrava quando via as aguas mansas do mar illuminadas pela luz gloriosa do sól.

Percorrendo todos os cantos da casa. Taciana despedia-se dos seus objectos artisticos, dos seus livros, de tudo que lhe despertava já immensa saudade. Olhava para todos os objectos com a mesma uncção dos religiosos ao admirar a imagem de Christo. Aqueles livros não mais sentiriam o contacto de suas mãos carinhosas nem mais seriam illuminados pela luz dos seus olhos.

O canario belga, seu nico companheiro nas horas de tristeza, cantava, chamando-a. Ella o criára com grande carinho. Verlaine nascera ali, aprendera a cantar, ensaiado pelo assobio de Taciana. Ella acordava sempre ouvindo o canario cantando.

— Pobre Varlaine! Si ao menos soubesse voar!... Adeus, meu amigo.

Taciana despedia-se do canário que saltitava na gaiola. Os carregadores chegavam para levar as malas.

Distribuindo presentes ás criadas, Taciana fazia-lhes as ultimas recommendações.

Tinha a impressão de que ia suicidar-se.

Depois de muito meditar, vendo desenrolar-se, como num film, as imagens que desfilavam pelo seu pensamento, conseguiu deixar algumas palavras de despedida a Venancio.

“Venancio. Sou uma mulher predeterminada. Persegue-me a fatalidade. Não procure saber para onde vou. Sigo ao encontro do meu destino. Assim os fados quizeram... Perdoe-me. Sou mais infeliz que você. Muito mais. Procure esquecer-me. Deseje-lhe muita felicidade. Adeus, Taciana”.

Percorreu, ainda, uma vez, os olhos pela casa. Olhou saudosa para a gaiola dourada do lindo canario que continuava a cantar. Desceu ao jardim e colheu algumas rosas das roseiras que plantára.

O mar agitadíssimo queria invadir a praia. Taciana tomou o automovel e disse ao "chauffeur" que tinha muita pressa, que corresse a toda á velocidade.

Sentia o peito oppresso, o soluço engasgado, e a cabeça tonta. Tinha a impressão de que estava acompanhando um enterro ao cemiterio de Maruhy.

XVII

A MARCHA TRIUMPHAL

Quando Luiz Carlos Prestes partiu do Rio Grande do Sul com destino ao Paraná, commandando uma columna de mais de mil homens, já os revolucionarios de S. Paulo haviam abandonado a capital do grande Estado.

Vencendo os maiores obstaculos, perseguido por todos os lados, cercado pelas forças do governo, o joven capitão fez a estupenda marcha, vencendo todos os perigos para juntar-se aos seus companheiros de ideal.

A marcha triumphal do grande militar foi um dos maiores feitos da historia revolucionaria brasileira. Persequindo a columna, estavam devidamente organizados,

varios batalhões riograndenses. A derrota do Exercito legalista foi uma tremenda derrota moral. Prestes soube illudir os milhares de adversarios que não conseguiram prender um só soldado da columna revolucionaria.

A chegada de Luiz Carlos Prestes fortificou o animo dos chefes da revolução de 1924. O general Isidoro Dias Lopes confiou ao valente capitão os maiores postos da campanha. Poucos mezes depois o velho general sentindo-se doente, partiu para Encarnacion passando o commando a Luiz Carlos Prestes.

Era o grande general que surgia.

A revolução de 1924 veio revelar a capacidade militar de varios dos seus melhores elementos. Com a partida do general Isidoro Dias Lopes ficaram ainda Juarez, Miguel Costa, João Alberto, Siqueira Campos, Cabanas e outros militares de valor; Luiz Carlos Prestes era, porém, o que mais se desta-

cava pela intelligencia e audacia, pela valentia e pelo valor militar. A energia suave, a coragem inaudita desse joven general eram admiradas por todos os revolucionarios.

Durante mais de dois annos perseguidos pelo Exercito da legalidade os revolucionarios, em numero muito inferior ao inimigo, percorreram quasi todos os Estados, demonstrando sua superioridade, seu valor, sua perseverança. Em pouco tempo o Brasil inteiro passou a admirar a figura serena e indomavel do grande general de menos de 30 annos de idade.

A epopéa de Luiz Carlos Prestes ficará indelevelmente na historia da revolução do Brasil.

Conduzindo os revolucionarios que soffriam todos os revezes da sorte, que passavam fome e sêde, que soffriam physica e moralmente, Luiz Carlos Prestes encontrou

sempre entre os seus commandados o maior entusiasmo pela causa que abraçavam.

Jámais se vislumbrou em Prestes um gesto que demonstrasse raiva, desespero, odio . . .

Sereno, imperturbavel, o joven general apreciava os acontecimentos com arguta intelligencia, com espirito de justiça e com o coração de santo.

Pela sua serenidade imperturbavel não encontrou jámais situação difficil que não deslindasse.

A legião indomavel desafiou, zombou durante muitos mezes da grande força inimiga, dez vezes mais numerosa que os revolucionarios.

Essa forte vibração guerreira animou todos os corações de brasileiros.

Luiz Carlos Prestes desistiu da luta, sem ser vencido, porque percebeu que estava

sacrificando inutilmente os seus soldados, aquelles bravos que o obedeciam cegamente.

— Procurando o territorio neutro de um paiz amigo, o fascinante general deu por finda a sua missão.

Nos primeiros dias de Fevereiro de 1927, após 30 mezes de luta insana em que deu o exemplo do civismo e da coragem, em que demonstrou grande tactica militar, Luiz Carlos Prestes deixou Matto-Grosso internando-se na Bolivia com os seus soldados, os poucos que lhe restavam.

A semente do civismo ficou, porém, plantada no solo patrio.

Luiz Carlos Prestes poderia, se quizesse, ter abandonado o territorio brasileiro muito antes de Fevereiro de 1927 ou muito depois desta data. A sua fuga para o terri-

torio boliviano foi decidida depois de muita reflexão.

Seria inútil proseguir. As forças inimigas augmentavam. Os soldados revolucionarios morriam á mingua de recursos. Fome. Doença. Canção.

O heroe deixou o campo inimigo.

Prestes não conheceu o medo. Pelo heroismo conquistou a confiança absoluta dos seus companheiros de ideal.

Siqueira Campos foi o ultimo chefe revolucionario a deixar o Brasil.

Depois da partida do general Luiz Carlos Prestes, o joven heroe do Forte de Copacabana ficou ainda dando combate aos soldados do governo.

O D'Artagnan da revolução brasileira celebrizara-se pela sua actuação no levante de Copacabana em 5 de Julho de 1922. Esse

feito culminara no golpe dramatico desfechado pelos seus ultimos occupantes; fôra irreductivel a decisão de não se renderem á superioridade das forças legaes victoriosas.

E' inacreditavel a scena de que fôra theatro a linda praia de Copacabana: dezoito homens dispostos a lutar até a morte contra milhares que se agrupavam nas redondezas da cidadella rebelde.

Armados de fuzis ou de simples revolvers e tendo ao peito cada qual um pedaço da bandeira brasileira, como symbolo das razões do seu gesto, os ultimos dezoito homens abandonaram o Forte militar para virem offerecer combate aos milhares de soldados que os esperavam como um leão que espera a sahida de um cordeiro.

Em todas as ruas que desembocam na Praia de Copacabana, nas areias da linda praia, perto e longe do Forte, estavam alinhados os soldados que o governo mandára

para prender, para massacrar duzia e meia de brasileiros que se revoltaram contra a prepotencia do governo do seu paiz.

Os dezoito heroes foram metralhados covardemente pelas forças militares.

Caminhando impavidamente para a morte, ao lado de seus companheiros, Newton Prado e Siqueira Campos entregavam seu corpo ás balas e ás bayonetas assassinas dos soldados legalistas.

Octavio Corrêa, o unico civil, dos 18 heroes, cahira morto.

Uma victoria do governo! A revolta do Forte de Copacabana fôra dominada! Milhares de soldados massacravam dezoito rebeldes! Os jornaes governistas exaltaram a grande victoria do governo!

Os soldados se retiraram ao som do Hymno Nacional enquanto pessoas que assistiram, das janellas e da rua, aquella barbaridade, enxugavam as lagrimas. Outras

jogavam areia na calçada, para cobrir o sangue dos bravos.

Newton Prado, com os intestinos rasgados pelos sabres da legalidade morrera no Hospital. O bravo Siqueira Campos conseguira fugir, mais tarde, da prisão, depois de curado dos ferimentos.

Eil-o que surge em 1924 chamado novamente pela voz da Patria.

A revolução de 1924, cujo estopim fôra acceso em S. Paulo, encontrou Siqueira Campos no exilio de Buenos Aires como simples commerciante. Abandonando sua vida burgueza relativamente feliz, naquelle ambiente de paz, o D'Artagnan da revolução brasileira entrou novamente na luta.

Izidoro, Prestes, Juarez, João Alberto, Siqueira Campos. Os heroes. A alma civica de então.

Na fóz do Iguassú com a queda de Catanduvás foi decidida a formação da co-

lumna que deveria percorrer os sertões para alimentar o espirito insurreccional. Ao tenente Siqueira Campos foi confiado o commando de um dos destacamentos daquelle derradeiro punhado de homens decididos a tudo enfrentar pelas convicções que os animavam.

Nesse reducto o Coronel João Alberto teve um papel saliente demonstrando o seu valor de militar, a sua coragem de homem.

Dahi por diante sua acção teve grande destaque pelas responsabilidades das missões que lhe eram confiadas.

Siqueira Campos era o homem de confiança de Luiz Carlos Prestes.

A figura do heroe de 1922 ganhou fama no Brasil como uma expressão de energia e de coragem capaz de todos os gestos que chegam aos limites da bravura.

XVIII

O DESPERTAR DE UM SONHO

Após dois dias e duas noites de vigília, na pequena embarcação que alugára, uma lancha sem conforto algum, Taciana foi avisada de que já estava na bahia de La Gaiba.

Apesar de enervada pelo canção profundo e pela trepidação da lancha, Taciana sentia a alegria da chegada. Sua alma se renovava.

A emoção sacudia-lhe o coração.

La Gaiba! O porto da esperança daquella alma torturada, daquelle coração que palpitava ha cinco annos sem fim a espera do seu grande amado. Vida de sua vida.

La Gaiba com suas aguas mansas, de aspecto triste, era bem o porto do Desterro de uma brilhante jornada cheia de acciden-

tes de mais de dois annos. Era a Santa Helena daquelle Napoleão de que o Brasil tanto se orgulhava pelos feitos surprehendentes de tactica e de coragem.

Taciana chegava ao fim da estafante jornada como uma immigrante de 3.^a classe, completamente desorientada, sem saber para onde ia. Desembarcou na floresta, acompanhada do guia que contractara para leval-a "ao acampamento do General Prestes".

Muita lama pelos caminhos, aguas estagnadas, mosquitos por todos os lados. Caminhava despreoccupada com a lama dos caminhos, olhar fito para a frente, em busca do barracão indicado pelo redactor do "O Jornal".

— Meu Deus! Como me receberá elle?

Sentado no tronco de uma arvore tombada, ella divisou o primeiro soldado brasileiro. A physionomia do pobre homem apavorava; dir-se-ia um cadaver ambulante.

Taciana approximou-se lentamente e pediu informações do General Prestes.

O homem de aspecto faminto olhou espantado para aquelle rosto sob o véo diaphano. Havia muitos mezes que não divisava um vulto de mulher. Taciana despertava-lhe uma infinidade de lembranças e saudades.

A dispnéa não o deixava falar. Levantando a custo o braço secco, apontou para uma choupana que se evistava a uns cem metros. Com esforço inaudito murmurou:

— Nosso grande General... Estamos morrendo... Todos...

Taciana sahiu apressada e, pelo caminho foi encontrando deitados, outros soldados moribundos.

Quando chegou á porta da choupana viu um homem de estatura pequena, barbado, como os outros, tambem de aspecto

funebre. Um grande chapéo cobria-lhe o rosto. Olhava aquelle vulto de mulher, vestida de negro que se approximava como se fôra a Morte. Era, sem duvida, uma visão provocada pela febre.

Uma mulher ali... Não era possível. Era uma allucinação.

Taciana approximou-se vagarosamente. Naquella choupana tosca vivia o homem mais admirado da época. Era ali que estava o grande "condottière" da revolução. Ali estava sob aquelle tecto miseravel o homem que era toda a sua vida; seu pensamento; seu amor.

— Bôa tarde, senhor. Por obsequio me informe se o General...

Não concluiu a phrase e intinctivamente deu um passo atraz.

Seria possível? Mas aquelles olhos... Levantou o véo para vêr melhor.

Constrastando com a pallidez cadave-

rica da face, os olhos do homem brilhavam com o ardôr da vida.

— Luiz !

Cahiú de joelhos aos pés de Prestes. Sua alma tambem estava de joelhos. Agarrou as mãos do seu amado e beijou-as, inundando-as de lagrimas.

Luiz Carlos Prestes com os olhos fitos no céu, sentia o sangue fugir-lhe das veias. Aquella mulher ali! Mas seria possivel? A ultima desgraça que lhe poderia acontecer.

A moça levantou-se, soluçando, e fez menção de abraçal-o. Desta vez foi elle quem deu um passo atraz.

Fitando a mulher com um olhar atonito, Prestes cruzou os braços.

Sem nada comprehender, Taciana olhava os olhos de domador que penetravam todo o seu sêr.

— Não me reconheces, Luiz? Sou a sua Taciana. A mulher que vive sómente

para você e por você. Ha cinco annos que o procuro. Meu pensamento é só seu, minha vida é você, meu amor...

— Senhora!...

— Pelo amor de Deus, Luiz, tenha piedade de mim. Você é a minha vida. Ha cinco annos que espero este momento para dizer-lhe que sou sua, somente sua, que você é o meu Deus, a minha unica esperança. Não posso viver mais um minuto sem você. Ouça-me Luiz. Tenho soffrido muito por sua causa. Só agora venho aqui porque não me foi possivel fazel-o antes.

De braços cruzados, impassivelmente. Prestes olhava aquella mulher que tanto amára.

Em vão ella supplicava um gesto, uma palavra de carinho, uma palavra de consolo.

— Ouça-me, meu amor. Venho aqui para ficar a seus pés até morrer. Sou sua es-

crava. Amo-o como nunca se amou na vida. Piedade, Luiz!

— Senhora! Foi uma loucura o que fez. Aqui é o lugar da miseria, da morte. Volte para a vida.

— Minha vida é você, Luiz. Você precisa de mim e eu preciso de você como preciso de ar, para viver. Venho tratar de sua saúde. Serei sua companheira na vida e na morte. Soffro desde o dia em que nos falámos pela ultima vez. Você não imagina quanto tenho soffrido, Luiz. Pelo amor de Deus deixe-me ficar aqui a seu lado. Trago roupa, remedio, frutas para você. Trago o amor puro... offereço-lhe a vida...

— A senhora não poderá ficar aqui de maneira alguma.

— Mas Luiz...

— E' humanamente impossivel.

— Vamos então, para longe, para onde você quizer.

Pela primeira vez deabrochou uma sombra de sorriso amargo naquella bocca que Taciana tanto beijára.

— Acompanhe-me, senhora.

E ambos entraram na choupana.

Apesar de avisada dos quadros dantescos que iriam ferir a sua vista e desnortear o seu espirito, Taciana não deixou de se apavorar com a dolorosa tragedia de La Gaiba.

Os soldados que ficaram até o ultimo momento ao lado do grande General, estavam morrendo, abandonados, sem a menor assistencia. Pelo chão, como cães leprosos, aquelles bravos sentiam a vida bruxolêar como a lamparina dos altares.

Miseria indiscriptivel. Dor perenne. Uma visão do "Inferno" de Dante.

Taciana não sabia o que dizer, tinha a impressão da loucura. Olhava para Pres-tes como se olhasse para Christo. Olhar me-

lancolico pedindo misericórdia. Elle, o grande General, ali estava dando allivio, com a sua presença, áquelles bravos soldados moribundos.

À presença de Taciana naquelle scenario de dôr espantava os doentes, augmentava-lhes a dôr moral, despertava-lhes a saudade da vida. Ella sentia-se mal naquelle ambiente de dôr, de miseria, por não poder fazer coisa alguma em beneficio dos soldados da invicta columna Prestes.

Como poderia ficar ali? Mas como poderia deixar ao abandono o homem que era a sua propria vida? Taciana conjecturava.

Prestes tinha necessidade de uma pessoa que cuidasse delle com o mesmo carinho de mãe amorosa.

Suas mãos, illuminadas pela luz de um amor puro e santo, tratariam delle com a sensibilidade das mãos de uma mãe ao lim-

par a ferida profunda do seu filhinho amado.

Sem se preocupar com as lagrimas da mulher que o adorava até ao sacrificio, Prestes a ouvia sem a interromper.

Soprava um vento forte. As nuvens negras se avolumavam galopando no espaço. Dir-se-ia que o céu se incendiava.

Ante a impassibilidade daquelle homem-deus a mulher ia perdendo a coragem e toda a esperança.

As palavras de Taciana não o convenciam. Esforçava-se para que Prestes comprehendesse seu estado de espirito, para que penetrasse seu pensamento.

— E'-me impossivel viver mais sem você, meu amor...

Prestes falava pouco. Não deixaria os seus companheiros por hypothese alguma.

Taciana queria saber, ao menos se elle ainda a amava.

— Só amo a minha Patria.

Suas respostas seccas e duras penetravam os ouvidos de Taciana como os gemidos dos moribundos.

Como o "camelot" do drama de Rachilde — "Le vendeur de Soleil" que enlouquecera pelo desespero da fome e que começara a apregoar a venda da "maior riqueza do mundo, da fonte geradora de todas as forças vitaes", e apontava depois do agrupamento dos populares, para o sol, com o desapontamento de todos, Taciana gritava abotoando com suas mãos tremulas, a túnica de Luiz Carlos Prestes.

— Offereço-lhe o meu amor, o meu corpo, a minha alma, a minha vida! Tudo é seu !

Toda a sua esperança accumulada em cinco annos de soffrimento se desfazia naquelle momento como um flóco de paina soprado pelo vento.

Toda a sua vida se desmoronava. Nada mais restava daquelle sonho de felicidade.

Prestes a convidava a retirar-se. Ali não poderia ficar. Era humanamente impossivel.

Taciana agarrava-se a elle como uma mãe a quem lhe roubam o filhinho.

Que elle meditasse, que ouvisse a vóz do seu coração. Como poderia ella viver agora? Aquelle momento era o mais fatal de sua existencia. Era a scena final da tragedia de sua vida amorosa. Ella morreria fatalmente.

— A morte é o maior bem que nos proporciona a vida. Vá em paz, senhora.

Era o fim. A attitude de Taciana era de quem começava a perder a razão. Olhava aparvalhada para aquelle homem que destruíra todo seu sonho de felicidade, que a atirava ao abysmo da sepultura.

— Onde está seu coração, Luiz ?

— Ficou no Brasil, minha senhora.

Tambem ella perdera a sua grande batalha na vida.

Prestes tinha ainda uma restea de luz e de esperança. A della estava bruxoleando como a luz da lamparina cujo azeite se esgotou aos pés da imagem de Christo. O vendaval que se approximava a apagara para sempre...

— Adeus, Luiz. Que Deus o ajude.
Adeus.

Era o fim.

Taciana retirou-se lentamente arrastando o cadaver do seu sonho...

Quando chegou á lancha mandou desembarcar toda a bagagem que levára e entregal-a ao General Prestes.

A embarcação partiu como se acompanhasse os funeraes daquelle grande amor.

Horas depois desencadeiava-se a grande tempestade. Choveu abundantemente durante a tarde. A' noite augmentou a tor-

Figueiredo Pimentel

menta, com descargas electricas. Os estrondos apavoravam os tripulantes da lancha que difficilmente cortava as aguas revoltas da bahia de La Gaiba.

Madrugada alta passou a tempestade. Um lindo dia em perspectiva.

Mas, ao chegarem a Puerto Suarez, os homens da lancha deram por falta de Taciana.

Rio, 1929.

Este livro foi escripto em 1929. Esteve em mãos de quatro editores e nenhum delles o quiz publicar. Só agora encontrei um editor, o Sr. Calvino Filho. Eis a razão por que escripto em 1929, só é publicado em 1933.

A. FIGUEIREDO PIMENTEL

Rio de Janeiro

TEATRO

Luiz Carlos - Olga, Maria e Taciana

A obra, em cartaz no Teatro SESC de Copacabana, me levou a pensar nos amores vividos pelo meu pai

26 JUN 2023 - 08:45 | POR LUIZ CARLOS PRESTES FILHO*



Luiz Carlos e Zoia, filhos de Luiz Carlos Prestes e Maria Prestes com as atrizes e ator da peça teatral "Olga e Luiz Carlos" no Teatro SESC de Copacabana. Mariana Mac Niven, Vera Novello e Júlio Adrião -

Aplaudi a peça teatral "Olga e Luiz Carlos", em cartaz no Teatro SESC de Copacabana, no Rio de Janeiro, ao lado de minha irmã Zoia. A obra me levou a pensar nos amores vividos pelo meu pai.

O primeiro com a militante comunista, judia alemã, Olga Benário. O segundo com a minha mãe, a pernambucana, Maria do Carmo Ribeiro, que na verdade nasceu Altamira Rodrigues Sobral.

Mamãe teve que mudar o nome por conta da sua militância clandestina no Partido

ficção. A obra de autoria do jornalista, Figueiredo Pimentel, filho do famoso escritor Alberto Figueiredo Pimentel, foi dedicada ao arquiteto José Marianno Filho, com prefácio do escritor, jornalista e tradutor, Azevedo Amaral, escrito em 1928, finalizado em 1929 e impresso pela editora Calvino Filho, em 1933.

No livro "Lutas e Auto críticas" de Dênis de Moraes e Francisco Viana, encontramos as seguintes linhas: "Nada tinha do homem de ferro que parece ser nos livros de História e nas aparições públicas. Pelo contrário: (Prestes) é uma pessoa que nos transmitiu sensibilidade e sentimento humano. Quando falou de Olga Benário, sua primeira mulher, a voz ficou embargada e, por segundos, chegamos a pensar que choraria - mas não o fez. E nos surpreendeu quando fez comentários sobre as mulheres. 'Sempre fui muito feliz com elas', disse. Teve apenas duas: Olga e Maria."

O meu Velho viveu uma vida intensa. Foram dois anos e três meses de guerra de guerrilha, ao cruzar o Brasil com a Coluna Prestes (1924-1927); oito anos no primeiro exílio (1927-1931); nove anos de prisão (1936-1945) e outros nove anos no segundo exílio (1971-1979). Na clandestinidade ele viveu em diferentes períodos, de 1934 até 1936; de 1947 até 1958; e de 1964 até 1971: um total de 22 anos. Trago estes números para mostrar que dos 92 anos de vida, 50 anos foram de luta. Considerando que os primeiros 24 anos foram da infância e da adolescência, meu pai teve somente 18 anos de vida adulta em liberdade. Sendo que, entre 1945 e 1947, exerceu o mandato de senador da República. Não tinha muito tempo para se dedicar à família.

Mas, apesar das dificuldades mencionadas, ele não abriu mão de viver uma intensa vida afetiva. Casou, teve 10 filhos que lhe deram, até agora, 25 netos e 25 bisnetos.

Com Olga Benário, o meu Velho enfrentou a prisão, em 1936; a deportação dela para a Alemanha de Hitler, onde nasceu a minha meia-irmã, Anita Leocádia Prestes. A peça em cartaz retrata este momento trágico que terminou com a morte de Olga numa câmara de gás, no Campo de Concentração de Bernburg.

Com a mamãe, o papai viveu o longo período de clandestinidade, da década de 1950. Depois, o período da semilegalidade nos governos do Juscelino Kubistchek, Jânio Quadros e Jango Goulart. Após o golpe militar de 1964, teve que voltar à clandestinidade. Somente em 1971, reencontrou a família no exílio em Moscou. Com a mamãe viveu até o final, quando faleceu em 1990. Foram 40 anos. Com ela viajou todas as 15 ex-Repúblicas Socialistas Soviéticas, hoje países independentes: Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Azerbaijão, Armênia, Geórgia, Estônia, Cazaquistão, Quirguistão, Letônia, Lituânia, Moldávia, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Tem fotos lindas do casal na distante Sibéria. Estiveram, também, na Bulgária, Tchecoslováquia, Romênia, Polônia, República Democrática Alemã (RDA, ex-Alemanha Oriental), Iugoslávia, França, Itália, Portugal, Grécia, Nicarágua, Cuba, Argentina, Peru, Moçambique e Angola.

Mas de onde surgiu o tal do primeiro amor do meu pai? Relação pouco conhecida até mesmo pelos seus filhos e netos. Que livro é esse "A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes"?

A primeira vez que ouvi falar desta publicação, foi pela tia Lúcia, irmã do papai. Para falar a verdade, nunca levei a sério quando me contou que o livro mencionado chegou a Moscou, em 1933. Alegre dizia que todas em casa leram. Mas, um dia o exemplar sumiu e foi depois que o papai tomou conhecimento da publicação.

Certa vez, encontrei uma referência ao livro na primeira página do jornal "Correio Paulistano", de 19 de maio de 1936, na matéria intitulada "A Companheira de Prestes", com destaque a uma bela fotografia de Olga Benário:

"RIO, 18 (H.) A companheira de Prestes esteve sábado na Polícia Central. Permaneceu desde cedo na Segurança Social. Só às 13 horas foi ouvida pelo delegado Belles Porto. Seu depoimento ao que se anuncia, não trouxe nenhuma novidade. Repetiu que se casara com Prestes, era sua esposa legítima e como tal se considerava brasileira. Esteve quase duas horas sob rigoroso interrogatório. Voltando à Segurança Social Olga pediu alguns livros para ler. Ofereceram-lhe obras em francês e alemão que recusou, declarando que fazia questão de ler escritores brasileiros para praticar o seu português. Às 12 horas ela regressou à Detenção, sempre acompanhada de investigadores, e de automóvel. Deverá voltar à Polícia Central para ser novamente inquirida, RIO 18 (A.B.) O engenheiro electricista Julio dos Santos, ontem, às 14 horas, dirigiu-se à Polícia Especial no Morro de Santo Antônio. Queria visitar Luiz Carlos Prestes. O sentinela, uma vez confessado o seu objetivo, levou-o ao oficial de dia, Manuel Soares. Repetiu ali, ao oficial, o que antes revelara ao sentinela. Tendo notícia de que havia sido suspensa a incomunicabilidade de todos os presos políticos, resolvera ir aquela corporação para visitar o chefe comunista. O tenente Manuel Soares, suspeitando da atitude do engenheiro, mandou apresentá-lo à Secção de Segurança Social. Julio Santos declarou que não conhecia pessoalmente Luiz Carlos Prestes e só tentara visitá-lo por simples momento de curiosidade. Na casa do engenheiro, a polícia apreendeu entre outros livros: "Soviets em Moscou", "A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes" e o magazine "Revue de Moscou".

Coloquei em anexo o PDF da capa do jornal "Correio Paulistano". O leitor interessando poderá perceber que toda ela tem matérias

o seguinte:

"Como todos os seus predecessores na fascinante tarefa de viviseção psicológica do homem, os novos analistas do consciente e do subconsciente recrutados nas bancas dos jornais, sentem a preponderante atração do problema do sexo que muito antes da sistematização científica de Freud já havia sido abordado pelos fundadores das religiões como raiz inicial da árvore genealógica do Bem e do Mal. O estudo dos fenômenos éticos tanto no campo restrito da personalidade individualizada como no conflito tempestuoso das correntes e das marés do oceano coletivo tem, em última análise, de resumir-se na investigação dos dois instintos fundamentais da fome e da geração que orgulhosa displicência do homem civilizado insiste em repelir para a degradante obscuridade mas que ressurgem obstinadamente por entre as festas brilhantes da cultura como esquecidos e humildes patriarcas plebeus da prole ingrata e soberba de todos os nossos sentimentos elegantes e sutis. (...) No livro do sr. Figueiredo Pimentel o tema em torno do qual o autor esboça uma obra delicada e sutil de bem observada psicologia coletiva, é o que podemos definir como problema social da sexualidade em uma época de violenta transição. A família cuja história é delineada no seu romance constitui uma expressão representativa da posição em que se encontra a tradicional instituição doméstica em face da violenta concorrência econômica contemporânea cujas asperezas são cruelmente acentuadas, em certos meios burgueses, pelos categóricos de uma vida sumptuária cuja observância se tornou, na prática, o mais acatado princípio ético".

O enredo do livro, para os dias de hoje, é excelente para uma novela de televisão. O jovem capitão Luiz Carlos Prestes se apaixona por Taciana. A eleita não aceita uma aproximação, pois este não é um herói, portanto não merece seu amor. O capitão empreende uma marcha revolucionária pelo Brasil. Ao tomar conhecimento dos feitos de Luiz Carlos, Taciana se arrepende erompe com padrões sociais estabelecidos e, desesperada, acompanha a trajetória daquele a quem negou seu amor. Quando a Coluna Prestes vai para o exílio na Bolívia, Taciana resolve viajar para encontrar o amado e lhe pedir perdão, se entregar. Mas o encontro é um desastre. Ao perguntar "se ele ainda a amava", ouvecomo resposta: "Só amo a minha Pátria". Ela insiste: "Ofereço-lhe o meu amor, o meu corpo, a minha alma, a minha vida! Tudo é seu!" "Taciana agarrava-se a ele como uma mãe a quem roubam o filho". Finalmente, vem o desfecho:

- Onde está seu coração, Luiz?

- Ficou no Brasil, minha senhora.

Também ela perdera a sua grande batalha na vida. Prestes tinha ainda uma réstea de luz e de esperança. A dela estava bruxoleando como luz da lamparina cujo azeite se esgotou aos pés da imagem de Cristo. O vendaval que se aproximava a apagaria para sempre...

- Adeus, Luiz. Que deus o ajude, Adeus.

Era o Fim.

Taciana retirou-se lentamente arrastando o cadáver do seu sonho... Quando chegou a lancha mandou embarcar toda bagagem que levava e entrega-la ao General Prestes. A embarcação partiu como se acompanhasse os funerais daquele grande amor. Horas depois desencadeava-se uma grande tempestade. Choveu abundantemente durante a tarde. A noite aumentou a tormenta, com descargas elétricas. Os estrondos apavoravam os tripulantes da lancha que dificilmente cortava as águas revoltas da baía de La Gaiba. Madrugada alta passou a tempestade. Um lindo dia em perspectiva. Mas, ao chegarem a Puerto Suarez, os homens da lancha deram por falta de Taciana"

Há dois momentos neste livro que são, no mínimo, curiosos.

O primeiro está relacionado à personagem Elza Salgado, de 17 anos, chamada, várias vezes, de "menina" em algumas páginas. Ela termina traindo a confiança de seu protetor que desejava mantê-la como "seu segredo" (pág. 65)

O segundo momento guarda relação direta com a personagem central, Taciana, que sonha em ser uma Anita Garibaldi:

"Sentia não poder estar ao lado de Prestes e lembrava-se de Anita Garibaldi combatendo junto com o marido. Toda beleza dessa vida de mulher que se fizera guerreira pelo amor do marido, dessa heroína e mártir que sacrificara toda a sua mocidade em holocausto ao seu amor, todo o esplendor, toda a vida de Anita passava em imagens vivas pelo pensamento de Taciana. Imaginava a anjo tutelar do general Garibaldi, na cavalgada indômita, defendendo os ideais do seu amado. Anita, a maior glória, do grande guerreiro, fará a sua inspiração".

Na vida real, uma jovem de 16 anos, Elza (Elza Fernandes), foi uma traidora da confiança do Secretário Geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Antônio Maciel Bonfim, codinome Miranda, seu namorado. Após o fracasso do Levante Armado Antifascista de 1935, surgiu a dúvida de que ela estava facilitando a prisão dos revolucionários. Foi assassinada pelos próprios companheiros em circunstâncias não esclarecidas. Sem qualquer comprovação, este assassinato foi imputado a meu pai pelo Tribunal de Segurança Nacional (STN). Esta

Carlos Prestes, as verdadeiras e a da ficção, a Taciana. Em especial, porque a de ficção faz referência dramática aos nomes: Anita e Elza. Antes de seus nomes surgirem na vida real, em 1936, Anita Leocádia Prestes e Elza Fernandes, já figuravam em um livro escrito em 1928.

Mas quem foi o tal engenheiro Julio dos Santos, ou Julio, Santos, citado no jornal "Correio Paulistano" que, pelo visto, foi preso, teve sua casa revirada e livros apreendidos? Será que não cabe investigar? Pois, graças a ele podemos confirmar hoje que o livro "A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes" circulou bastante na década de 1930.

Sem dúvida, "A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes" é uma obra de valor histórico. Porque será que ela não é citada em nenhuma das biografias de meu pai, inclusive, nem no livro "Luiz Carlos Prestes na Poesia" de Laércio Souto Maior, que reuniu amplas referências sobre o Cavaleiro da Esperança em prosa, poesia, música e artes em geral.

A peça "Olga e Luiz Carlos" tem o mérito de mostrar que os comunistas são gente como gente. Choram, gostam de poesia e escrevem cartas de amor. Importante mostrar nos dias de hoje que luta revolucionária por um Brasil socialista foi estruturada por mulheres inteligentes, corajosas e lindas. Reais e imaginárias!

**Luiz Carlos Prestes Filho, diretor de filmes documentários, é escritor e compositor membro do PEN Clube do Brasil*

Sobre o autor do livro "A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes":

Alberto Figueiredo Pimentel foi filho do escritor e jornalista Figueiredo Pimentel. Iniciou sua vida profissional no jornal "Vanguarda". Atou nos seguintes órgãos da imprensa de sua época: "Boa Noite"; "O Jornal"; "Diário de Notícias"; "A Nação"; "Gazeta de Notícias"; e "Rio-Jornal". Publicou as seguintes novelas: "Filhos do Baldomero" e "A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes". Era casado com Waldemira Barros Pimentel e tinha o irmão, Gilberto Pimentel. Foi alto funcionário do Departamento Geral de Saúde Pública.

Tres moças morreram afogadas

EM CONSEQUENCIA DO NAUFRAGIO DE UMA CANOA EM QUE PASSAVAM — A TRAGEDIA VERIFICOU-SE EM SÃO VICENTE — ATE HOYEM A NOITE OS CORPOS NAO HAVIAM SIDO AINDA ENCONTRADOS

SÃO VICENTE, 18 de Maio (Correio) — Das notícias recebidas nesta noite, sabe-se que a canoa em que se afogaram as três moças, pertencente a Sr. Paulo, estava com a vela, e que a tragédia ocorreu por volta de meia noite, em São Vicente, a cerca de 100 milhas de São Paulo. A canoa estava com a vela, e a tragédia ocorreu por volta de meia noite, em São Vicente, a cerca de 100 milhas de São Paulo. A canoa estava com a vela, e a tragédia ocorreu por volta de meia noite, em São Vicente, a cerca de 100 milhas de São Paulo.

A companheira de Prestes

A deserção de Luiz Carlos Prestes

CONSELHO DE GUERRA QUE SE CONSIDEROU INCOMPETENTE PARA JULGAR-O

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — O Conselho de Guerra, que se reuniu nesta noite, decidiu considerar-se incompetente para julgar Luiz Carlos Prestes, e recomendou a sua entrega ao Poder Judiciário. O Conselho foi presidido pelo Sr. João de Deus, e teve a presença de outros membros da alta magistratura paulista.

FOI NOVAMENTE ARGUIDA PELA POLICIA CENTRAL DO RIO — A CURIOSA VONTADE DE UM ENGENHEIRO QUE QUERIA VER PRESTES

RIO DE JANEIRO, 18 de Maio (Correio) — O Sr. João de Deus, engenheiro e ex-juiz, foi novamente arguido pela Polícia Central do Rio de Janeiro, por ter se encontrado com Luiz Carlos Prestes em sua residência, em São Paulo, em 15 de Maio.

A Inglaterra ostentou a 16 de abril a anthithese do processo Hauptmann

O rei negou o perdão a Mrs. Waddingham, que foi enforcada 17 dias após perder sua apelação e 38 da sua condenação — Mas, a milionaria Mrs. Violet Van Der Elst equiparou o eplogo de Birmingham ao do processo Lindbergh em Trenton

Um relatório que "The Times" de Londres publica nesta noite, sobre o processo Hauptmann, revela que a Inglaterra ostentou a antithese do processo Hauptmann em 16 de abril, quando o rei negou o perdão a Mrs. Waddingham, que foi enforcada 17 dias após perder sua apelação e 38 da sua condenação.

GO NOBIS CORRESPONDENTES DE LONDRES



Um relatório que "The Times" de Londres publica nesta noite, sobre o processo Hauptmann, revela que a Inglaterra ostentou a antithese do processo Hauptmann em 16 de abril, quando o rei negou o perdão a Mrs. Waddingham, que foi enforcada 17 dias após perder sua apelação e 38 da sua condenação.

Queriam fugir varios malandros presos na Colonia Correccional

MEU AMOR COM O SEU NOVO PLANO GARANTE A TODOS 200, 500, 750 ou 1000 EM DINHEIRO

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Varios malandros presos na Colonia Correccional, em São Paulo, queriam fugir para o Rio de Janeiro, onde se encontrava o Sr. João de Deus, engenheiro e ex-juiz, que havia sido arguido pela Polícia Central do Rio de Janeiro.



Cláudio Buarque, a companheira de Luiz Carlos Prestes

Assassinou e roubou duas mulheres

ESPAAQUEADO PELA DESAFECTO

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem que assassinou e roubou duas mulheres, foi espancado pela Polícia de São Paulo, por ter se recusado a confessar o crime. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.

AGGREDDO DENTRO DO BOTEQUIM

FERROUS COM O ROVER

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem foi agredido dentro de um botequim, em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.

CINEMA EM RELEVO E INVENTO DE UM MEDICO BRASILEIRO

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem foi agredido dentro de um botequim, em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.

Atropelado pelo auto official

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem foi atropelado por um carro oficial, em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.

Assassinou e roubou duas mulheres

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem que assassinou e roubou duas mulheres, foi espancado pela Polícia de São Paulo, por ter se recusado a confessar o crime. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.

Manifestações de apoio à A.R.L.

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Manifestações de apoio à A.R.L. foram realizadas em São Paulo, em homenagem ao Sr. João de Deus, engenheiro e ex-juiz, que havia sido arguido pela Polícia Central do Rio de Janeiro.

Assassinou e roubou duas mulheres

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem que assassinou e roubou duas mulheres, foi espancado pela Polícia de São Paulo, por ter se recusado a confessar o crime. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.

Assassinou e roubou duas mulheres

SÃO PAULO, 18 de Maio (Correio) — Um homem que assassinou e roubou duas mulheres, foi espancado pela Polícia de São Paulo, por ter se recusado a confessar o crime. O homem foi preso em São Paulo, e foi levado para o Hospital de São Paulo.